

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



SOMNIUM

Nº 108 - Março de 2014

CLINTON DAVISSON
GEORGETTE SILEN
GERSON LODI-RIBEIRO
MIGUEL CARQUEIJA

ENTREVISTA
ANDRÉ VIANCO

HOMENAGEM
CLIFFORD SIMAK



SOMNIUM

EDITORIAL

Saudações, viajantes do tempo e do espaço!

Chegou o momento de embarcamos em uma nova jornada. Nosso veículo será a espaçonave *Somnium*, modelo 108, que foi abastecida com um combustível experimental: a imaginação dos escritores de literatura fantástica. Este formidável elemento tem a aptidão de mover nossa embarcação em velocidade padrão até as proximidades de Marte. Para que a hipervelocidade seja atingida, faz-se necessário que tripulação e passageiros encorajem suas mentes a ingressar nos universos criados pelos autores, vivenciando-os com plenitude.

O processo de estimulação mental terá início com a apresentação de todas as etapas do processo criativo de *As Duas Torres*¹, imagem criada pelo artista *Marcelo Bighetti* para ser a capa de nossa revista virtual e que será implantada nas mentes daqueles que concordarem em participar desta jornada. O implante intensificará a ação das sinapses cerebrais, facilitando o processo de absorção e compartilhamento dos mundos imaginados pelos autores. Proponho que analisem *As Duas Torres* desde sua fase embrionária até a conclusão do projeto e que se permitam inspirar pela criatividade do artista. Imaginem-se em seguida como pilotos das naves inseridas no cenário por ele criado, pilotos que podem estar em uma rota exploratória naquele

mundo. Ou, talvez... Numa batalha!

E então, dispostos a iniciar a viagem?

Sugiro que se idealizem como personagens das histórias que serão contadas. Se preferirem, podem simular que são coautores, refletindo sobre novas aventuras que gostariam de criar nestes universos ficcionais. O importante é incentivar a criatividade, buscando um entrelaçamento quântico com cada narrativa. Só assim a reação-mestra para o aprimoramento de nossos motores ocorrerá, com a criação de propulsores adicionais que capacitarão nossa espaçonave a desafiar a velocidade da luz.

A decolagem será especial: a entrevista concedida por *André Vianco* a *Clinton Davisson* fornecerá à *Somnium 108* uma carga massiva de energia, oriunda da imaginação do escritor, o que proporcionará um poderoso impulso para a saída do solo. Graças a ela, nosso veículo estelar fará uma partida segura e alcançará a exosfera com celeridade.

Vamos lá então?

Começemos a fase espacial de nosso passeio emparelhando a *Somnium 108* ao *Ranforrinco*, durante o retorno de sua viagem exploratória ao Planeta Vermelho. Já nos primeiros parágrafos, é possível perceber os temas científicos implícitos na trama. O ambiente de mistério aos poucos se descortina, aumentando a complexidade do enredo e estimulando

¹ Confira o trabalho de Marcelo Bighetti, que criou uma imagem exclusiva para esta edição do *Somnium*, em <http://marcelobighetti.blogspot.com.br> ou www.marcelo.bighetti.com.br

do a curiosidade. *O Voo do Ranforrinco*, de Gerson Lodi-Ribeiro, é capaz de cativar os mais exigentes admiradores de ficção científica.

Viajemos em seguida até uma luxuosa ilha espacial, local onde teremos a oportunidade de espionar uma trama de sedução e cobiça. O dinheiro poderia comprar tudo e todos, em qualquer marco espaço-temporal? Brindando-nos com sua experiência literária, Miguel Carqueija deixa subentendida sua ótica sobre o assunto em *As Coisas Que Nunca Acontecem*.

Hora de retornar ao nosso planeta e pousar a *Somnium 108* em algum lugar seguro dentro da conturbada França do século XV. Em *O Estigma da Rosa*, Georgette Silen nos concede a oportunidade de estar ao lado de uma grande heroína. Com sua hábil escrita, a autora mescla história e ficção, religião e ciência, o passado místico e o futuro tecnológico, inserindo-os no universo que compartilha conosco. Um texto que convida nossa mente a ingressar em um roteiro de experiências e aprendizados.

O conto posterior, de Clinton Davisson, dá uma pausa na Ficção Científica para que a *Somnium 108* mergulhe em um oceano de Fantasia. O ambiente é recheado de desejo e nele o autor apresenta sua bem humorada releitura de um clássico mitológico. *A Sereia e o Pescador* protagonizam um encontro que, em última análise, pode confirmar o postulado científico de que tudo depende do ponto de vista do observador.

Após as imersões nos contos, a inteligência artificial da *Somnium 108* nos possibilitará o ingresso no mundo virtual dos arquivos históricos. O primeiro registro a ser compartilhado será o texto *A Leitura Faz o Leitor*. Nele, Roberto de Sousa Causo

tece considerações a respeito de antigas coleções de ficção científica, em especial a longeva *Argonauta*², bem como sobre a importância desta compilação na criação do nosso CLFC. O texto de Causo apresenta também relevantes reflexões acerca da formação de novos leitores deste gênero literário. Em seguida, nossa mente será alimentada com *Lembrando Clifford D. Simak*, valioso texto de João Vagos que nos traz informações sobre trabalhos e premiações do autor campeão de publicações na *Argonauta*, cuja obra de fato não pode ser relegada ao esquecimento.

A homenagem a *Simak* e à *Argonauta* prosseguirá com as resenhas, que nos propiciarão vivenciar outros universos ficcionais.

A primeira resenha é de minha autoria e foi elaborada para celebrar a obra *Estação de Trânsito*, publicada no volume 130-A da *Argonauta*. Após, Antonio Borba conta suas impressões e reflexões acerca do clássico *City*, publicado na edição nº 117 desta coleção portuguesa sob o título *As Cidades Mortas*. Por sua vez, Sid Castro fornece detalhes a respeito de sua marcante experiência com o livro *Engenheiros Cósmicos*, objeto da edição nº 105. Após o depoimento de Sid Castro, o gentleman *Simak* concede espaço para que Miguel Carqueija compartilhe suas impressões a respeito de *Depois da Derrocada*, obra de Philip E. High publicada como o volume nº 193 da *Argonauta*.

Iniciando a jornada... Agora!

Boa viagem, boas experiências!

Ricardo Guilherme dos Santos

Editor

² A Coleção Argonauta foi também homenageada pela Revista Bang!, que, em sua edição nº 0 no Brasil (setembro/2013), publicou a primeira parte de um artigo de autoria de Luís Filipe Silva. O link para leitura em pdf é <http://migre.me/hl3F8>

Somnium – Edição 108, março de 2014

Editor responsável: Ricardo Guilherme dos Santos

Ilustração da Capa: Marcelo Bighetti

Layout da Capa e Diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores: André Vianco
Gerson Lodi-Ribeiro
Miguel Carqueija
Georgette Silen
Clinton Davisson
Roberto de Sousa Causo
João Vagos
Antonio Borba
Sid Castro

CLFC gestão 2013-2015

Presidente: Clinton Davisson Fialho – sócio n. 546 (Rio de Janeiro - RJ)

Secretário-Executivo: Daniel Fusco Borba - sócio nº 547 (São Paulo - SP)

Tesoureira: Amanda Reznor – Sócia nº 591 (São Paulo - SP)

Webmaster: Hugo Vera - sócio nº 465 (São Bernardo do Campo - SP)

Contatos: contato@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

06 PROCESSO CRIATIVO DA ILUSTRAÇÃO “AS DUAS TORRES”, por Marcelo Bighetti

12 ENTREVISTA, com André Vianco

CONTOS

15 O VOO DO RANFORRINCO, por Gerson Lodi-Ribeiro

23 AS COISAS QUE NUNCA ACONTECEM, por Miguel Carqueija

24 O ESTIGMA DA ROSA, por Georgette Silen

29 A SEREIA E O PESCADOR, por Clinton Davisson

REFLEXÃO

31 A LEITURA FAZ O LEITOR, por Roberto de Sousa Causo

HOMENAGEM

35 CLIFFORD D. SIMAK, por João Vagos

RESENHAS

40 ESTAÇÃO DE TRÂNSITO, por Ricardo Guilherme dos Santos

45 CIDADE, por Antonio Borba

50 ENGENHEIROS CÓSMICOS, por Sid Castro

52 DEPOIS DA DERROCADA, por Miguel Carqueija



As Duas Torres

Conheça as etapas do processo de criação da ilustração
“As Duas Torres”, por *Marcelo Bighetti*

Definidas as cores de fundo.



Estabelecida a perspectiva da cena.



Inserindo planos, no caso montanhas.



Colocada a fonte de luz.



Elaborando elementos rochosos do primeiro e segundo planos.



Aperfeiçoando elementos rochosos.



Definindo *layout* da primeira torre.



Definindo *layout* da segunda torre.



Acrescentado detalhes finais nas torres e introdução de nuvens e acerto de cores.



Finalizando a ilustração, colocando elemento que gera ação, no caso naves, as quais também contribuem para a noção de escala dos elementos. O sol é realçado e colocado um pouco de neblina.



A Virada do Vampiro Brasileiro

por Clinton Davisson

ANDRÉ
VIANCO

Na década de 80 o humorista Chico Anísio criou o lendário Bento Carneiro, o vampiro brasileiro, que bebia da fonte do eterno complexo de vira-latas, expressão criada por Nelson Rodrigues. O personagem era um vampiro, mas com trejeitos de pobre, falando errado e sempre passando por situações constrangedoras. Ironicamente, um dos livros de sucesso de André Vianco se chama Bento, lançado em 2003. Nascido em Osasco-SP, o escritor provou que vampiros feitos à moda brasileira poderiam ser apreciados pelos leitores sem apelar para o complexo de vira-latas e ainda abriu caminho para o crescimento da literatura fantástica nacional. Numa entrevista franca e direta, André Vianco fala um pouco do desafio de ser escritor no Brasil, sobre os fãs, projetos futuros e sobre as polêmicas recentes envolvendo a literatura fantástica brasileira.



Clinton Davisson – Você uma vez disse que não se considerava ainda um escritor no nível que gostaria de ser. O que ainda falta em seu trabalho, na sua opinião?

André Vianco – Depois que terminei “As crônicas do fim do mundo - A noite maldita” gostei mais do trabalho final. Acho que sempre vou me achar incompleto, porque estamos sempre mudando e evoluindo, às vezes involuindo, mas o fato é que a mente é um treco dinâmico e a casa do escritor. Escritor que se acha muito bom e completo está perdido ou está morto.

CD – Viver da escrita, num país como o Brasil, gera reações controversas, que vão de ressentimentos à idolatria. Quais as vantagens e desvantagens de cada um desses extremos?

AV – É difícil pra caramba viver de literatura no Brasil. Para viver de escrever, recebendo direitos autorais sem compras do governo, é preciso matar um leão por dia, ou seja, estar na frente do processador de textos todo dia, lançar um romance por ano. Romance, não livro de contos! É preciso ser muito disciplinado com o trabalho e com o dinheiro, pois a entrada de direitos autorais é bastante sazonal. Sobre as reações de outros autores (é isso que você está perguntando?) eu não dou muita trela. Babação de ovo demais faz mal. Sobre os ressentidos nem sei o que dizer. Antes de tudo um autor tem que pensar o que ele quer da vida. Se quer ficar rico escrevendo livros é preciso saber que até é possível, mas é uma luta árdua e uma jornada longa, ninguém se faz com um livro só. Se a pessoa quer

viver de literatura tem que ter a sorte de gostar de escrever a literatura que vende. Veja bem que nem estou aqui colocando a questão da qualidade do que se é produzido, estou falando que alguns gêneros vendem mais que outros. Isso é fato.

CD – Na recente controvérsia entre Paulo Coelho e os escolhidos para representar o Brasil na feira de Frankfurt, seu nome foi citado como um dos que deveria estar lá e não estava. Qual sua opinião sobre isso?

AV – Minha opinião é que algum autor(a) de fantasia brasileiro deveria estar lá, sim. Porque a literatura de fantasia é um fenômeno no momento no Brasil, basta ir até as livrarias e constatar com os próprios olhos. Não esperava que Frankfurt convidasse autores de fantasia brasileiros, porque esse é um fenômeno recente, mas uma autarquia nacional está sabendo, ou deveria estar, o que está acontecendo no próprio quintal.

CD – Como é seu método de trabalho? Você faz pesquisa? Escreve quantas horas por dia?

AV – Procuo escrever todos os dias. No momento não estou escrevendo apenas romances, também estou escrevendo roteiros para TV e cinema. Gosto muito de escrever de manhã, com a cuca fresca, mas há também aqueles arrebatos inspirados, que acontecem bem de vez em quando, quando escrevo a qualquer hora. Costumo ficar umas nove horas por dia no meu escritório e produzir ao menos 3 páginas de literatura por dia, responder e-mails, participar um pouco das redes sociais, leio bastante

ANDRÉ VIANCO

no meu escritório também. Essa é a minha rotina.

CD – Como nasceu o seu gosto pelo terror? Quais os livros e filmes nos quais você se inspirou?

AV – O gosto pelo terror começou na infância, através do cinema, dos filmes que passavam na TV. É difícil dizer exatamente o que me inspirou, apontar uma obra, acho que fui mais cativado pela atmosfera do gênero do que por um título isolado.

CD – A Crítica influencia seu trabalho? Teve alguma crítica positiva ou negativa que te fizesse repensar o caminho que estava seguindo?

AV – Não, a crítica não influencia porque eu sou um bicho que escreve. Independente do que digam ou dissessem, não pararia de escrever. Está na minha natureza. É quando me sinto bem, quando transformo ideias em texto, quando construo emoções com as palavras que estão ali, disponíveis para todos. No fundo no fundo todo escritor se sente um artista. hahahaha.

CD – Vivemos em um momento em que, a legislação incentiva as produções nacionais para a tv a cabo. Você montou uma produtora de vídeos e tentou vender uma série para alguns canais? Como está isso?

AV – Eu fiz um piloto de seriado para comemorar os dez anos de lançamento de “Os sete”, isso em 2010. Montei uma equipe de primeira linha com tudo que um seriado de ação e de terror precisava, o resultado é que o projeto ficou caro e a TV que podia pagar já estava veiculando outro produto de

vampiros e as que quiseram comprar o projeto não tinham cacife. “O turno da noite” aguarda um momento mais propício para voltar à ativa.

CD – O seu sucesso abriu caminho para uma nova geração de escritores do gênero fantástico no Brasil. O que falta para essa geração fazer sucesso internacional?

AV – Não sei. Nem eu tenho livros traduzidos. É um plano, é um objetivo traduzir meus livros, mas não tenho muita ansiedade para isso.

CD – Você é conhecido como um cara boa praça e por apoiar novos talentos, independente se elogiam ou não o seu trabalho. O que irrita o André Vianco? Você também tem uma lista negra?

AV – Oportunistas me irritam. Tem gente que não me conhece e pede para eu escrever prefácio de livro, orelha, essas coisas. Dai o sujeito lança o livro e o meu nome “André Vianco” sai imenso na capa, sendo que eu só escrevi uma orelha ou um prefácio, como se o livro fosse meu. Tem gente que faz isso.

CD – Você se destacou no gênero de terror e vampiros, mas recentemente tivemos uma aventura de fantasia com O Caminho do Poço de Lágrimas. Quando veremos uma ficção científica do André Vianco?

AV – Olha, eu tenho umas boas ideias para FC, é tudo uma questão de tempo, tenho muitas ideias para contar. Adoraria que os dias tivessem 48 horas ou mais. hehehe.

ANDRÉ VIANCO

O Voo do Ranforrinco

um conto de

**Gerson
Lodi-Ribeiro**

Registro de Bordo Nº 503 do Ranforrinco:

“**E** stamos a vinte e cinco dias da órbita terrestre. A primeira missão tripulada ao quarto planeta foi coroada de êxito. Confirmamos a maioria das informações coligidas anteriormente pelas sondas automáticas.

“Trata-se, como todos sabem, de um mundo pequeno, de atmosfera rala, praticamente irrespirável, cuja pressão máxima atinge cerca de um sexto da pressão atmosférica da Terra ao nível do mar. Os trajes espaciais acabaram não sendo necessários. Utilizamos apenas agasalhos termoeletrônicos e máscaras extratoras de oxigênio.

“Há vida no Planeta Vermelho, conforme o comandante da missão anunciou no dia em que pousamos numa planície daquele mundo árido. Embora sob falsas premissas, a ciência terrestre já suspeitava disso há centenas de anos: durante várias décadas, a principal indicação foi a mudança sazonal das cores e padrões da superfície, erroneamente atribuída à presença de vegetação.

“Fato indiscutível é que a vida no quarto planeta jamais constituiu um fenômeno tão comum e disseminado quanto na Terra. Tanto é assim que, mesmo as informações obtidas por sondas que sobrevoaram a superfície daquele mundo a poucas centenas de quilômetros de altitude não haviam sido conclusivas. Nossa expedição esclareceu esta questão crucial. Existem vegetais (creio que podemos chamá-los assim, desde que nosso biólogo não repouse seu olhar aguçado sobre este registro) sobre a forma de *florestas* de arbustos escarlates de porte robusto e *bosques* de cogumelos castanhos de tamanhos variados. Não encontramos animais de grande porte. Nos poucos rios que ainda não sublimaram ante a pressão atmosférica irrisória,

deparamo-nos com criaturas invertebradas algo semelhantes aos moluscos. O biólogo renega as pretensas semelhanças. De todo modo, em termos de fauna terrícola, fomos obrigados a nos contentar com as *lesmas gigantes* e os pseudoartrópodes de carapaças rígidas, dotados de seis pares de pernas, que batizei de *escaravelhos*.

“Passamos quase seis meses naquele mundo, percorremos milhares de quilômetros de sua superfície, e só conseguimos catalogar 107 espécies autotróficas (*vegetais*) e 42 consideradas heterotróficas (*animais*). Embora bactérias e outros micro-organismos abundem nos solos arenosos daquele planeta, nosso biólogo julga que a vida multicelular não foi inteiramente bem sucedida por lá.

“Cumpro enfatizar que nossa missão foi coroada de êxito. Pelo menos, no sentido de que logrou concretizar o objetivo principal dos planejadores: comprovar de forma conclusiva que a vida não é um fenômeno restrito à Terra. Mesmo assim, é de se supor que os futuros colonos radicados no quarto planeta levarão muitas gerações para fortalecer os ecossistemas locais e tornar a atmosfera mais densa, a ponto de dispensar o uso das máscaras.

“Todavia, esta preocupação concerne antes a nossos líderes científicos e políticos do que aos membros desta primeira expedição tripulada. No que me diz respeito, tenho me ocupado da tentativa de solucionar o problema da ausência inexplicável de comunicação com a Terra. Mesmo se houvesse ocorrido uma pane generalizada na rede de satélites geossíncronos do Controle da Missão, tal não justificaria o silêncio presente. Tentamos restabelecer contato transmitindo um feixe laser direcionado às antenas da Base Lunar. Não houve resposta. É como se estivessemos trabalhando com um sistema de codificação equivocado: só recebemos ruído.

Verificações completas em nossos sistemas, equipamentos e protocolos de comunicação indicam que, ao menos aparentemente, não se trata de um defeito no *Ranforrinco*. Há algo errado lá fora e

esse algo está impedindo a retomada de comunicação com a Terra. Coloquei apenas o comandante a par do problema. A seu pedido, evito externar minhas preocupações com os demais tripulantes. Se existe algo que não uma simples pane técnica impedindo que a Terra responda nossas mensagens, talvez tenha ocorrido algum problema sério com a própria civilização...

“Bem, logo saberemos do que se trata.”

Ranforrinco, 20.000.000 Km da Terra, Ano 95 da Unificação, 347º dia.



A consciência artificial que gerencia a residência oficial interrompe o sono de Philippe Alvarez por volta das duas horas da manhã, tempo lunar padrão. Aos 137 anos, ele se conserva lúcido e forte o suficiente para merecer a confiança dos 42 milhões de eleitores orgânicos e sintéticos que o escolheram à revelia para exercer a função de líder de Governo das Colônias Lunares. Luna é um mundo tranquilo. Um planeta pequeno, inteiramente explorado, com baixa densidade populacional, vastos recursos minerais e alta tecnologia. Um Estado sem pobreza ou desníveis sociais, habitado por homens e mulheres cultos e inteligentes que se consideram a fina flor da humanidade.

Em Luna não há em absoluto problemas graves o bastante para que acordem o líder de Governo abruptamente no meio da madrugada. Mesmo ainda não inteiramente desperto, Alvarez está cômico desse fato. *Problemas com a Terra, outra vez.* Parafraseando o antigo líder de uma região do continente americano, outrora chamada “México”, de onde seus antepassados emigraram há meio milênio, o líder sorri sem o menor sinal de alegria. *Pobre Luna! Tão longe do Espírito Universal e tão perto da Terra...*

Resignado, dialoga com o gerente doméstico enquanto veste o roupão, calça seus chinelos de quarto favoritos e, ainda sonolento, ruma para o

**Passamos quase seis meses
naquele mundo, percorremos
milhares de quilômetros de
sua superfície.**

As feições sólidas de um humano de meia-idade, ... materializa-se à sua frente em tamanho real.

aposento de comunicações da residência oficial. Porque Alvarez é um humano antiquado, do tipo que julga que assuntos oficiais não devem ser tratados do leito, sobretudo quando se trata de holo-transmissão bidirecional em tempo real. A consciência que o despertou lhe fornece a prévia da situação. Trata-se de um comunicado urgente de Honolulu, Hawaii, a nova sede da Federação Humana. Comunicação pessoal (isto é, não-oficial) de Douglas Catilli, Secretário de Ciência e Tecnologia da Terra, um amigo de mais de meio século.

Que horas devem ser agora em Honolulu? Provavelmente não deve ser hora de dormir por lá.

Bom conhecedor dos humores de Alvarez, o gerente informa num tom afável:

— São quinze horas e quatorze minutos em Honolulu.

O tanque holográfico é ativado assim que Alvarez afunda na poltrona anatômica. As feições sólidas de um humano de meia-idade, apenas uns poucos anos mais velho do que ele próprio, materializa-se à sua frente em tamanho real.

— Bom dia, Phil. Desculpe acordá-lo assim, no meio da noite.

— Boa tarde, Doug. Imagino que não agiria desta forma se não houvesse um motivo excelente. O que houve?

— Detectamos alienígenas rumando para a Terra.

— Entendo. Tudo bem, amigo. Já consegui me acordar. Pode falar sério agora.

— Olhe para minha cara e diga se não estou falando sério. — Catilli faz uma pausa proposital para que a relevância da declaração bombástica enunciada em tom blasé possa sedimentar no espí-

rito do amigo. — Eles estão tentando se comunicar conosco, mas ainda não conseguimos decodificar as transmissões. Ao que parece, estão emitindo imagens bidimensionais simples. Contudo, ainda não nos foi possível decifrá-las.

— Certo. — O líder do Governo Conjunto das Colônias Lunares suspira fundo. — Em que ponto do Sistema Solar se deu a detecção?

— Entre as órbitas de Marte e da Terra. Tudo bem, Phil. Não precisa fazer essa cara. Sei o que está pensando. Perto demais e muito tarde, se considerarmos o verdadeiro enxame de satélites rastreadores e telescópios espaciais que a Secretaria vem lançando nos últimos dois séculos. Deveríamos tê-los detectado há meses, quando ainda adentravam no Cinturão de Kuiper. O.k., concordo que parece inexplicável. É quase como se houvessem aparecido do nada, materializando-se no Sistema Solar, procedentes de um outro sítio qualquer.

— Talvez dominem uma tecnologia de transporte que ainda ignoramos.

— Tenho muita gente boa presentemente pensando no assunto. O teleporte foi aventado, em nível de hipótese.

— E quanto aos fabulosos buracos de minhoca, saltos hiperespaciais e outras sandices do gênero?

— Ah, essas ideias estapafúrdias, que escritores de ficção científica e um punhado de físicos teóricos mais otimistas e mais heterodoxos ressuscitam de tempos em tempos? Bem, até isso cogitamos.

— E então?

— Olha, Phil, para ser franco, esses avanços técnicos hipotéticos não condizem muito bem com o pouco que conhecemos sobre a matriz científico-tecnológica dos alienígenas.

— Como assim?

— Para citar apenas um exemplo, o sistema de comunicações que utilizam é extremamente tosco e primitivo. Repare que estou me esforçando ao máximo para empregar um eufemismo polido.

— Estranho. — Alvarez abana a cabeça. — E quanto à espaçonave em si?

— Outro mistério. ão se parece com nada que possamos conceber como veículo estelar. Velocidade pífia, coisa de 20 km/s. Propulsão iônica, pelo que indicam nossos espectrômetros.

— Inconcebível. É rudimentar demais. Alguém está tentando pregar uma peça no governo da Federação. A propulsão iônica já não é utilizada desde o final do século XXII. Mesmo como propulsão auxiliar soa um tanto ou quanto anacrônica. Já fizeram os cálculos de regressão de trajetória para saber de onde a nave deve ter vindo?

— Lógico. Só que os resultados não foram conclusivos. Os cálculos indicam que o veículo está vindo das proximidades de Marte, o que é obviamente impossível. O governo da colônia marciana afirma que o objeto não foi detectado pelos seus instrumentos. Além disso, na velocidade que presentemente mantém, a nave levaria quase um ano para alcançar a Terra, partindo de Marte.

— Absurdo.

— Pois é. Bem, Phil, por enquanto é isso. Você é o primeiro sujeito fora da Secretaria de Ciências a tomar conhecimento deste assunto, com exceção do Secretário-Geral da Terra e da Presidente da Federação.

— Obrigado por me colocar a par, Doug. Quando a novidade será divulgada para o grande público terrestre e solar?

— Dentro em algumas horas. Ao fim do dia, ao mais tardar. A propósito, Phil, o Secretário-Geral pretende solicitar auxílio às comunidades científicas selenita e marciana.

— Naturalmente. — Alvarez esboça um sorriso irônico. — Engraçado. Jamais imaginei que receberíamos uma visita de alienígenas dotados de tecnologia primitiva. Não era assim que eu pensava que seria, quando era garoto e me deliciava com aqueles velhos holos de

FC do final do século passado.

— É. — Catilli exala um suspiro de simpatia. — Sei muito bem como você se sente.

— Doug, imagine há quantos milênios eles devem ter partido de seu sistema natal.

— Esta é outra questão que o meu pessoal espera responder dentro em alguns dias.



Registro de Bordo Nº 514 do Ranforrinco:

“Perdemo-nos, de algum modo. Aquela não é a Terra. Ao menos, não a Terra que conhecemos. Há cerca de oito dias, descobrimos que ela não estava exatamente no local devido. Isto pareceu significar que alguém errara em seus cálculos. Nossos ordenadores de bordo checaram dezenas de vezes a correção dos mesmos, por vários métodos distintos, refutando a hipótese de uma falha técnica.

“Então a astrofísica da missão tomou coragem e anunciou um fato que a atormentava há semanas: as estrelas estão fora de suas posições corretas. Algumas das estrelas mais brilhantes de nossos céus haviam simplesmente desaparecido. Das constelações conhecidas, nenhum sinal. Foi essa tripulante que aventou pela primeira vez a hipótese de que o *Ranforrinco* estivesse num passado ou num futuro remoto.

“Diante dessa perspectiva, a inquietação reinante a bordo mudou para algo bem próximo ao pânico. Muitos de nós haviam deixado família ou cônjuge na Terra. O comandante da missão declarou que a astrofísica se encontrava desequilibrada e ordenou que a confinássemos em seu camarote. À revelia, executei a ordem, estabelecendo a rotina de confinamento.

“Circula a bordo o rumor de que o *Ranforrinco* atravessou inadvertidamente uma espécie de fenda dimensional; fenômeno desconhecido para a ciência terrestre. O

Perdemo-nos, de algum modo. Aquela não é a Terra. Ao menos, não a Terra que conhecemos.

comandante prefere acreditar que fomos transladados para outro sistema estelar, quando cruzamos acidentalmente um tipo de atalho espaço-temporal tortuoso e enigmático. Esta estrela amarela, contudo, parece-se demasiado com nosso bom e velho Sol. E os planetas detectados, nossos velhos conhecidos, estão quase em suas órbitas previstas, conquanto afastados de suas posições devidas. Sentimos uma necessidade compreensível e um temor atávico plenamente justificado de examinar aquela estrelazinha azulada nos telescópios. Com júbilo e alívio, identificamos nela a Terra. Mas não vimos os detalhes então.

“Corrigimos nosso curso para aproar rumo à Terra. Jamais deixei de tentar restabelecer o contato via rádio. Nenhuma resposta. Observamos que a Lua estava mais afastada da Terra do que costumara se situar meros dois anos atrás. Uma vez próximos, voltamos a atenção para nosso mundo. Horas depois, por entre as nuvens, percebemos um fato estarrecedor: o que quer que tivesse ocorrido, era muito pior do que havíamos imaginado.

“A composição química da atmosfera era algo diferente. Há menos oxigênio agora. Há relativamente poucas partículas radioativas na alta atmosfera. Mas aquilo não é nem de longe o mais espantoso. Em órbita terrestre, satélites artificiais pululam aos milhares. Segundo uma estimativa preliminar, há mais de vinte mil objetos nas vizinhanças do sistema Terra-Lua. Alguns deles são do tamanho de pequenos asteroides! Objetos cilíndricos, esféricos ou exibindo formatos complexos. Agora temos certeza de que, durante nossa ausência, a Terra foi invadida por uma espécie alienígena dotada de tecnologia muito superior à nossa.

“Mas, não. Este planeta simplesmente não é a Terra da qual partimos. É compreensível que tenha sido o geólogo da missão o primeiro a notar que algo errado ocorreu com a distribuição dos continentes. Solicitou ao ordenador acoplado ao telescópio infravermelho que elaborasse um mapa da superfície terrestre. Quando examinei o resultado, antes de apresentá-lo ao comandante, fui a prin-

cípio incapaz de reconhecer qualquer continente. Através de uma simulação ordenacional, o geólogo nos mostrou o que ocorreu. Os continentes são essencialmente os mesmos — algumas ilhas a menos, uma península a mais ali, um golfo entre duas massas continentais acolá. A disposição desses continentes, no entanto, mudou um bocado. Estão mais espalhados através dos oceanos. Parece haver mais água entre eles agora.

“Surpreendendo a todos, o geólogo afirmou que, pelos estudos geofísicos mais recentes, esta será a configuração que a Terra deverá assumir dentro de sessenta milhões de anos. *Deriva continental*, foi a expressão que empregou.

“Diante das novas evidências, determinei que a astrofísica fosse liberada do confinamento. Ela estava conosco no ambiente de comando na ocasião em que começamos a receber feixes pulsados de laser portando mensagens ininteligíveis.”

Ranforrinco, 600.000 Km da Terra, Ano 96 da Unificação, 25º dia.



— Sr. Líder de Governo, já se sabe há cerca de três séculos e meio que a humanidade não foi a primeira espécie racional a se erguer da superfície terrestre para tentar atingir as estrelas.

Alvarez detesta esse tom de falsa condescendência, quase sempre empregado como máscara para camuflar o menosprezo genuinamente professoral, com que certos especialistas insistem em explicitar fatos óbvios aos leigos, como se esses não passassem de deficientes mentais. Ele próprio se considera um homem de ciência (*Em Luna, hoje em dia, quem não o é?*), embora seja expert em inteligências artificiais autoconscientes e não paleontólogo.

Sem muito sucesso, esforça-se para não parecer demasiadamente sarcástico.

— Se bem me lembro, em criança visitei algumas vezes o Museu Robert Bakker, em Mare Imbrium. Devia ter meus vinte e poucos anos na

Corrigimos nosso curso para aproar rumo à Terra.

Dinossauros caminhando entre nós...

época. Durante essas visitas presenciais, tive oportunidade de examinar *in loco* alguns fósseis do *Selenosaurus sapiens*. É de conhecimento público em Luna que a Terra do Cretáceo abrigou uma civilização tecnológica de dinossauros bípedes. Aliás, ao que me conste, os fósseis de selenossauros foram descobertos apenas aqui. — Alvarez esboça seu sorriso mais simpático. — Mas peço desculpas pelo entusiasmo bairrista. Como especialista, você de certo conhece os estudos de campo em paleontologia selenita muito melhor do que eu.

Divertido, o líder do governo de Luna mal pode aguardar os quase três segundos regulamentares para constatar no holotanque o embaraço na fisionomia ruborizada do saurólogo terrestre. O humano mais jovem tenta abafar o mal-estar com um pigarro pouco convincente.

Será que esse papalvo ignora que abrigamos em Luna os melhores autores de ficção cretácea do Sistema Solar?

O próprio líder de governo é fã confesso desse gênero narrativo que se dedica a elaborar — a partir do pouco que se descobriu da tradução dos registros da base dos selenossauros — enredos detalhados e tramas complexas sobre o cotidiano da primeira civilização tecnológica da Terra.

— Reconheço, é claro, Sr. Líder, até por dever de ofício, que a maior descoberta paleontológica da história foi realizada em solo lunar. Devia ter desconfiado que qualquer criancinha selenita dominaria o assunto. Desculpe se em algum momento pareci insinuar o contrário.

— Sem ressentimentos. Agora, quero que me diga o que tem uma civilização de dinossauros, se me permite a expressão, a ver com a nave estelar alienígena prestes a chegar à Terra?

— A questão é que existe uma possibilidade concreta do veículo mencionado ter sido construído em estaleiros da Civilização Cretácea. O indicativo impresso em seu casco foi escrito na mesma linguagem ideográfica que traduzimos das placas de silício e memórias cristalinas, deixadas pelos selenossauros na base lunar fóssil e encontradas há

mais de trezentos anos.

— Ridículo. Não estamos falando dos destroços de uma espaçonave sinistrada há eras, mas de um veículo inteiramente operacional.

— Isto representa um mistério enorme, de fato. Contudo, a tecnologia expressa no projeto do “Ranforrinco” é compatível com a dos selenossauros, nos anos que antecederam a colisão catastrófica da Terra com o meteorito gigante que extinguiu a civilização deles e boa parte da vida no planeta.

— Isto é extremamente difícil de engolir. — Alvarez franze o cenho sem fazer a menor questão de disfarçar o cepticismo. — Ranforrinco não foi um pequeno réptil alado?

— Não exatamente um réptil, pois era homeotérmico e possuía pelagem abundante. Era, antes, um pterossauro. Mais ou menos do tamanho de um pardal. Surgiu no Jurássico, dezenas de milhões de anos antes da época dos selenossauros. Contudo, algumas formas sobreviveram a ponto de se tornarem contemporâneas da Civilização Cretácea.

— O termo é específico demais para servir como saudação por parte de alienígenas amistosos. Sim, compreendo seu ponto. Esta é a designação do veículo, traduzida diretamente do idioma dos selenossauros, do termo exato que empregavam quando se referiam àquele tipo de animal.

— Isto mesmo. Ou alguém com bastante inteligência e recursos praticamente ilimitados está tentando nos fazer de bobos, ou...

— ... ou, por algum estranho capricho espaço-temporal, algum meandro hiperbrânico espiralado ao infinito, ligando o passado ao presente de maneira fortuita e inconcebível, teremos em breve o privilégio de interagir com espécimes vivos de selenossauros.

Dinossauros caminhando entre nós...



Sou o antigo imediato do Ranforrinco. O res-

ponsável pela manutenção do Registro de Bordo. Já se passaram doze anos desde o nosso regresso. Bem, não exatamente doze anos, que diabo (expressão tipicamente humana. À medida que o tempo passa, tem sido cada vez mais difícil evitá-las), os dias agora são mais longos! De qualquer forma, os humanos têm se revelado anfitriões corteses, generosos e compreensivos.

No começo foi quase impossível acreditar que nos havíamos perdido do nosso mundo, tendo regressado para uma Terra Mamífera, 65 milhões de anos no futuro. A fauna e a flora se modificaram por completo. Todas as formas terrícolas dominantes se extinguíram. Foi incrível descobrir o quanto evoluíram aquelas bolinhas de pelo felpudo, antes criaturinhas tão tímidas e rastejantes. Ocuparam todos os nichos ecológicos disponíveis graças à extinção em massa dos dinossauros, pterossauros e formas dominantes de répteis aquáticos. E então, após 65 milhões de anos de pousio, a Terra produziu uma nova espécie racional.

Esta não é, em absoluto, a Terra para a qual esperávamos regressar. Muitas vezes nos primeiros meses, a saudade oprimia meu peito, fustigando com o ímpeto de um punhal aguçado, cravado junto ao coração. Nossos entes amados, nossos lares, nossas belas cidades. Nossa civilização e até mesmo nossa espécie... Tudo o que amávamos, tudo o que nos fazia saudáveis e felizes, já não passa de pó há eras geológicas sem conta. Para os humanos, nós emergimos das brumas enevoadas de um passado remoto. Arautos fantasmagóricos de um tempo perdido. Fósseis ambulantes, tornados em carne e osso. Preciosos, mas apenas como curiosidade científica. Como exemplares conscientes da outra espécie racional que habitou a Terra, quando seus próprios ancestrais não passavam de bichinhos de sangue quente ariscos e de hábitos noturnos.

Como os demais “Náufragos do Cretáceo” (como alguns poucos humanos insensíveis ainda

insistem em nos chamar), fiquei bastante deprimido e melancólico com a descoberta. Pelo que nos informaram, nossa espécie se extinguiu pouco mais de quatro anos após nossa partida.

Naqueles primeiros tempos, avassalado pelos sentimentos de perda profunda e inadequação irremediável, cheguei a brincar com a possibilidade do suicídio. Felizmente, ao contrário de outros dois tripulantes, logrei resistir ao impulso momentâneo.

Os humanos já sabiam de nossa existência pelos fósseis e artefatos colhidos na Base Lunar. Também não dispõem de uma explicação definitiva para o voo insólito do *Ranforrinco*. Em quase seiscentos anos de exploração e colonização do Sistema Solar, jamais se haviam deparado com o fenômeno que agora batizaram *translação temporal espacialmente vinculada*. Não tivemos tanta sorte, pois, já em nossa primeira incursão tripulada além da órbita do sistema Terra-Lua, fomos transladados do passado remoto para este presente alienígena, assustador e maravilhoso. Ainda se ignora o motivo pelo qual essa translação se deu.

Alguns matemáticos humanos estão trabalhando numa teoria que lhes permita explicar a translação. Os mais otimistas acreditam que, se conquistado, tal conhecimento proporcionará as viagens interestelares à humanidade. Em minha opinião de leigo, creio que ainda continuarão trabalhando neste problema por um bom tempo.

Outros humanos e também alguns de nós veem na translação que sofremos a mão da providência do Espírito Universal: uma maneira de corrigir a injustiça da nossa extinção. Uma espécie de segunda chance. A perspectiva de um novo começo para a Espécie.

De vez em quando me pergunto onde estaríamos e o que seríamos hoje, caso aquele meteorito gigantesco não houvesse se chocado com a Terra. Talvez houvéssemos nos disseminado por uma fração considerável da periferia galáctica. Ou talvez, tivéssemos logrado nos autoextinguir em uns poucos

No começo foi quase impossível acreditar que nos havíamos perdido do nosso mundo.

milênios. Ou ainda, houvéssemos apenas regredido gradativa e agonicamente à irracionalidade. Quem poderá dizer? Ao contrário dos humanos, não tivemos chance de descobrir, de tentar e, quem sabe, fracassar por nossos próprios meios.

Por seu lado, a humanidade parece ter aprendido com nossa obliteração. Porque instalou em órbita da Terra e no espaço interplanetário um punhado de baterias de mísseis term nucleares de grande alcance e canhões pesados de lasers de raios gama, prontos a pulverizar qualquer corpo de grandes dimensões que se aproxime do sistema Terra-Lua. A biosfera terrestre não sucumbirá mais como vítima de novas ações de extinção em massa procedentes do espaço.

Em sua maioria, os antigos tripulantes do *Ranforrinco* sobreviveram bem à notícia da desgraça que se abateu sobre a Espécie e se recuperaram razoavelmente de nosso regresso traumático. Estamos vivos. E, enquanto há vida, mantém-se acesa a chama da possibilidade de um novo alvorecer.

O Planeta Vermelho, que os humanos denominaram “Marte” em homenagem a um de seus deuses tribais, mudou ainda mais do que a Terra nessas últimas dezenas de milhões de anos. Já não parece com o mundo de colonização exequível que conhecemos há pouco mais de uma década. Não há mais vida por lá. Tampouco atmosfera em quantidades apreciáveis. Mesmo assim, há quase dois milhões de humanos, residindo em labirínticas cidades instaladas no subsolo marciano, ou em pequenos núcleos urbanos na superfície, protegidos por cúpulas pressurizadas.

A República de Marte tornou-se independente há menos de dez anos. É uma nação jovem e saudável. Existe mesmo um projeto de engenharia ambiental em curso para terraformizar Marte, dotando-o de uma atmosfera respirável. O empreendimento durará mais de um século. Os humanos pretendem repovoar esse planeta com clones dos espécimes paleomarcianos colhidos por nosso biólogo, sessenta e cinco milhões de anos atrás, intervalo de tempo que jamais nos pareceu superior a doze anos e alguns meses.

Alguns de meus semelhantes, como o geólogo

e a médica, constituíram família e já estão chocando sua segunda ninhada. Dos quatorze tripulantes originais, apesar de duas baixas, nossa população já subiu para vinte e sete. Não sei quanto a meus semelhantes radicados na Terra, em Luna ou nos mundos artificiais. Porém, no que me diz respeito, serei o primeiro selenossauo marciano. O governo da República sentiu-se muito honrado por nos conceder a cidadania plena, a mim e à “Lizzie” (não entendo porque, só por não serem capazes de pronunciar seu lindo nome, vocês decidiram designar nossa antiga astrofísica com esse apelido odioso). O biólogo, é claro, adotou nossa ideia com entusiasmo típico de novo colono. Chegará na próxima semana e trará a engenheira de propulsão com ele.

Como pessoas que dedicaram boa parte de suas existências ao estudo do Planeta Vermelho, pretendemos empregar nosso conhecimento para fazer de nossa nova pátria um mundo novamente fértil. Um lugar melhor para se viver e criar filhos. Um lar, para os humanos e para nós.

Excerto de ANAIS DA ORIGEM DE SELENO-SAURIA (3ª edição); capítulo II: “A Fundação de Sauronville”, por CAUDA PONTUDA (Imediato), Barsoom Gardens, Marte, 2.620 A.D.

(Conto ambientado no universo ficcional para o conto curto “Paleontólogo Selenita”).



Gerson Lodi-Ribeiro publicou duas novelas na versão brasileira da *Asimov's*: a FC hard “Alienígenas Mitológicos” e a história alternativa “A Ética da Traição” que abriu as portas do subgênero no fantástico lusófono. Finalista do Sidewise Awards (2000) com o conto “Xochiquetzal”; autor das noveletas premiadas “O Vampiro de Nova Holanda” (Prêmio Nova 1996) e “A Filha do Predador” (Nautilus, 1999 — publicada na *Sci Fi News Contos*), das coletâneas *Outras Histórias...*, *O Vampiro de Nova Holanda*, *Outros Brasis*, *Taikodom: Crônicas e As Melhores Histórias de Carla Cristina Pereira*, e dos romances *Xochiquetzal: uma Princesa Asteca entre os Incas* (história alternativa) e *A Guardiã da Memória* (FC erótica — Prêmio Argos 2012). Criador do universo ficcional Taikodom. Presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica nos biênios 1999-2001 e 2001-2003. Editor das antologias *Phantastica Brasileira*, *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!*, *Erótica Fantástica 1*, *Vaporpunk*, *Dieselpunk* e *Solarpunk*.

As Coisas Que Nunca Acontecem

um conto de **Miguel Carqueija**

Querido – dizia a loura seminua, de uns vinte e poucos anos – a visão da galáxia é realmente espetacular...

— Eu não lhe disse? – falou o Rego. – Aqui tudo é espetacular, minha querida. A começar por mim, é claro.

Ela sorriu e, aproximando-se dele, beijou-o lascivamente na boca. Estavam estendidos num colchonete à beira da piscina, e Rego pusera a funcionar um planetário na cúpula do satélite, para distrair a amante.

— Eu fico imaginando... – prosseguiu a Rosina – quanto custa a manutenção de uma ilha espacial como essa?

— A bagatela de quinhentos mil créditos por dia, meu bem. Mas não se preocupe: afinal, eu sou o homem mais rico do mundo.

Ele tinha bigode grisalho, testa enrugada, era meio careca, mas as garotas enxameavam à sua volta. O dinheiro é poderoso!

Contudo, Rosina era daquelas que pensam:

— Aqui é fabuloso, fantástico... mas não é perigoso? Por exemplo, se um meteoro atravessar a cúpula de magiplast, não provocará a descompressão e matará a todos nós?

— Ora ora, minha flor. Essa possibilidade já

foi calculada como sendo de uma vez em cada bilhão de anos...

— Não pode ser! Tem certeza disso, amorzinho?

Ele tomou uma dose de conhaque:

— É claro! São raríssimos os meteoros suficientemente grandes para inutilizar uma cúpula de magiplast. Precisaria um do tamanho de uma casa...

— Do tamanho de uma casa? Como aquele ali?

— O que?

A cúpula, a uns quinhentos metros de altura, rachou-se e rompeu-se subitamente, enquanto um imenso pedregulho cósmico a atravessava. E antes mesmo que a despressurização fosse total, despençou sobre o casal que, abraçado em pânico, despediu-se da vida com gritos horripilantes...



Miguel Carqueija é escritor de vários gêneros de literatura fantástica, a começar pela ficção científica, autor de mais de vinte livros publicados (entre edições de papel e virtuais) e também faz resenhas de livros, filmes e quadrinhos. Escreve regularmente no Portal Entretexos e no

Recanto das Letras e publicou recentemente pela Editora Ornitórrinco o romance de fantasia “O estigma do feiticeiro negro”, em coautoria com Melanie Evarino.

○ Estigma da Rosa

Queimem! Queimem a bruxa!
– Suja! Suja!
– Devolvam a filha de Satanás para o inferno!

– Queimem! Queimem!

Palavras marcam o coração, tanto quanto paus e pedras quebram os ossos.

A chuva era fraca, mas gelada como dedos de cadáveres. Ela encharcava as vestes dos habitantes de Rouen, enlameando a Praça do Velho Mercado.

– Meretriz do diabo!

– Nem os corvos desejam sua carniça!

Os gritos histéricos da multidão se misturavam aos sinos da Catedral. Os guardas tentavam afastar a turba dominada pela fúria em defesa da fé. O povo queria a paz do Senhor. Alento aos corações e almas. Queriam a bruxa que se vestia de homem morta!

Ela ouvia as palavras acusadoras. Exaurida pelos longos meses de prisão, tentava raciocinar. A mulher de pele branca e cabelos acobreados curtos não verteu uma única lágrima sequer. A água que marcava seu rosto vinha da fonte celestial, caindo das nuvens.

Na praça, ela viu o palco construído para o espetáculo: a plataforma de execução. O momento do ato final da pantomima humana. Levantou os olhos claros para o céu. Queria vislumbrar a luz. Outra vez.

Por favor!, ela implorou em pensamento.

Mãos indelicadas a arrastaram. Ela não lutou. Nem tentou. Seus pés descalços afundaram sob a lama como flores afogadas.

– *Que ela sirva de exemplo* – dissera o Inqui-

um conto de

**Georgette
Silen**



sidor Mor do tribunal, dias antes. – *Que o auto de fé da bruxa seja um alerta aos inimigos do Senhor e aos Armagnacs*¹.

Foi puxada e escorregou, caindo. Sua testa tocou o chão úmido. *Não chore. Não dê esse prazer aos Borguinhões*². *Nunca*. Sua mente divagava, lutando contra a humilhação sofrida. *Você viu a luz, Joana. Ela a abençoou. Sabe que era Divina, mesmo que não acreditem no que tem a dizer. Você não fez nada de errado.*

A luz. Joana a vira. A lembrança de seu calor a aqueceu.

A luz viera pela primeira vez numa noite. Joana havia saído furtivamente de sua casa para orar, como sempre fizera na igreja de Domrémy. Ela tinha mais ou menos 13 anos naquela época. A luz era como o sol que afastava a escuridão. Um anjo de Deus. O fogo do arcanjo Miguel.

A claridade a consumiu, renovou. As vozes de Santa Catarina e Santa Margarida disseram a Joana qual era sua missão neste mundo, tornando-a o instrumento para um bem maior. A luz silenciou seus medos e a libertou da insignificância.

Ela devia agir. Salvar seu povo. Unir-se aos Armagnacs e liderá-los. Era a vontade do Senhor. Nos anos seguintes, as vozes repetiram a mesma ordem. E Joana deixou Domrémy. Peregrinou como os apóstolos de Cristo, de cidade em cidade da França. Miguel arcanjo orientava seus passos.

Encontre o Delfin! O emissário do Senhor dizia para Joana.

Quando conseguiu alcançar Chinon, foi leva-

da ao Delfin. Foi Miguel arcanjo quem apontou o verdadeiro Carlos VII para Joana entre os nobres da corte. Da boca de uma pobre e analfabeta camponesa, o Delfin recebeu as palavras da coragem que lhe faltava como rei. Os gestos da jovem exalavam força e esperança. Seu corpo e alma haviam sido ungidos pelo toque do sagrado.

Renovados pela fé daquela mulher, os soldados franceses tornaram-se gigantes no campo de batalha, em Orléans. Após uma sucessão de vitórias sob seu comando, Joana viu o Delfin ser consagrado em Reims como legítimo soberano da França. Santa Catarina e Santa Margarida estavam ao lado dela, naquele momento.

No rastro da passagem de Joana, um aroma suave de rosas a acompanhava. Seu nome era dito e temido pelos Borguinhões e ingleses: Joana d'Arc, a Donzela de Orléans.

Mas agora, seu nome não a salvaria. Eles queriam sua morte.

Rosas... O cheiro de rosas...

– Queimem! Queimem a bruxa!

Destruam a Rosa, sua mente traduzia a balbúrdia da multidão.



“– Queimem! Queimem a bruxa!”

A tela diante do Analista exibia uma sequência de caracteres. Era a transcrição daquele idioma

¹ A facção dos Armagnacs, no século XV, constituía um dos dois partidos oponentes que travaram uma guerra civil, na França, paralelamente à Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra. Seus adversários eram os Borguinhões.

² A facção dos Borguinhões era o partido do Duque da Borgonha, conhecido como “João sem medo”. Eram inimigos da facção dos Armagnacs, partidários do Duque de Orléans

arcaico, morto, presente apenas nos arquivos dos

bancos semióticos linguísticos. Os ouvidos do Analista estavam acoplados a sensores de áudio, que decodificam os fonemas. A tradução era impecável.

Os olhos atentos do Analista seguiam aquela “legenda” nas imagens holográficas, em ângulos de 360 graus precisos de alta resolução. Ele verificava o desenrolar dos fatos na extinta Rouen. Cada ação e gesto eram criptografados, convertidos em alpha pixels, e depois transferidos em tempo real aos outros Analistas designados para estudar aspectos específicos da situação: geográfico, histórico, sociológico, antropológico, genérico, entre outros. Eles assistiam a um acontecimento pertencente à antiga E.D. – Era Dogmática – terrestre.

Os gráficos coloridos nos painéis apontavam as medições de variação emocional e física do espécime que recebera a Ativação, comparando-as com dados coletados anteriormente em procedimentos semelhantes. O choque entre ação e reação, no período histórico analisado da humanidade, mostrava-se superior às estimativas no início do projeto. Mesmo a mera especulação – se fosse permitida como umas das regras de conduta e validação no experimento – não teria o poder de mensurar o grau dos resultados que o Analista verificava até então. Era surpreendente para ele.

No procedimento atual, a Ativação fora implantada em humanos primitivos. Biogeneticamente energizados por doses periódicas de radiação beta, suas células foram modificadas. De comum acordo entre os Analistas envolvidos no projeto, os espécimes escolhidos viveram em um período considerado como um dos mais negros da E.D.: a Idade Média Europeia Ocidental. Uma era de erros e feitos sustentados pela ignorância e descrença na ciência

O homem firmou a ciência como o início e o fim para tudo. E formatou o meio.

em função do dogma.

Com a

Ativação, os

espécimes desenvolveram o que muitos chamariam de “dons paranormais” no passado. Ou bruxaria e poderes mágicos, além de aumento nas habilidades físicas em alguns casos. Na verdade, o experimento controlado antecipou nesses humanos primitivos um aspecto evolucionar dos humanos atuais, como os Analistas. Graças ao aumento da radiação beta na atmosfera terrestre, após o terceiro ciclo P.D. – Pós Dogmático –, os humanos passaram por mutações que aceleraram a evolução da espécie.

Com os avanços obtidos neste novo ciclo, os benefícios foram muitos: o ser humano não adoece mais; seu cérebro ganhou massa; os sentidos sensoriais e extra-sensoriais foram multiplicados. A humanidade dominou por completo os ecossistemas e biomas, rompeu as fronteiras do espaço além da Via Láctea, colonizando as estrelas. E também conquistou o tempo, dominando a viagem entre as eras passadas.

O homem firmou a ciência como o início e o fim para tudo. E formatou o meio.

O ser humano tornou-se a medida de todas as coisas.

A estabilidade dessa condição fez a humanidade racional voltar à atenção para sua história. Procurar nas memórias de épocas imperfeitas os motivos para seus atos extremos de outrora. O porquê de tantos flagelos ao longo da existência.

Apenas uma Ativação de percepção extrassensorial num percentual estratégico de espécimes de amostragem seria suficiente para que os Analistas colhessem os dados necessários à pesquisa. Através de um escaneamento temporal prévio, alguns homens e mulheres foram selecionados. Os esco-

lhidos receberam, então, a visita dos pesquisadores de campo. Para cada era, uma Ativação específica.

Os espécimes assimilaram o caráter do experimento de acordo com as crenças de seu tempo. Alguns creditaram ser obra de deuses, outros de demônios: deidades extintas da E.D. O registro feito com base na contemporaneidade dos pesquisados aliada aos fatos tinha de ser preciso.

E agora, da sala de Análise e Coleta, o Analista observava o último estágio daquele experimento, dando a ordem ao pesquisador de campo de Rouen para a derradeira interferência.



As cordas ásperas aderiram às feridas nos pulsos de Joana. Encharcadas pela chuva, elas a apertavam com força redobrada ao mastro da plataforma. Sangue e água escorreram, molhando a palha sob seus pés. Seu cabelo desalinhado criava riscos na face inconsolável, mas altiva. Na mente, uma pergunta: *onde estava a luz? Onde estava Miguel arcanjo?*

Sobre as roupas de Joana, as marcas da injúria: lama, fezes, ovos podres e outros dejetos atirados pelo povo de Rouen. Quando as tochas foram acesas, eles exultaram.

– *Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum...*³ – murmuravam os clérigos.

Joana recebeu o clamor das orações como um reflexo do lento queimar da palha e madeira embebidas no óleo. Sufocou, inspirando a fumaça negra que subia como uma garra em seu pescoço. A rosa ardia. Suas pétalas murchavam.

³ – Pai Nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome...

⁴ – ... e livrai-nos de todo o mal... Amém.

– Queimem! Queimem!

Seus olhos encheram-se de lágrimas provocadas pelas chamas. Os rostos adiante ficaram turvos, distorcidos: um mar escuro de cólera.

Joana tentou respirar. A chuva continuava. Mais tochas avivavam o fogaréu em ondas de fumaça espiraladas. Quando a primeira bolha de queimadura rompeu em seus pés, ela não conseguiu segurar o gemido de dor. Entre o terceiro e quarto estigmas ardentes, ela não conteve mais a boca fechada.

– ... *sed libera nos a malo... Amen.*⁴

O fogo alcançou o vestido branco de Joana. Pareciam veias sinuosas de tons alaranjados. Ela fechou os olhos e rezou. Chamou pela luz, implorou a Miguel arcanjo, pediu o perfume das rosas de Catarina e Margarida. As labaredas colaram-se a sua carne como moscas ao mel. Não sentiu mais a chuva.

Quando o fogo chegou aos cabelos, Joana abriu os olhos desesperados. Olhou para cima, e num lampejo de agonia vislumbrou uma pequena fresta nas nuvens cinzentas. O céu azul de Deus estava lá, escondido de vergonha pelos atos dos homens. Um facho brilhante de luz veio em sua direção através da abertura, e Joana experimentou o calor no peito. Chorou, pela primeira vez desde que fora feita prisioneira, ao ver Miguel arcanjo, Santa Catarina e Santa Margarida de braços abertos para recebê-la no Paraíso.

A luz! A luz! Eu sabia! Eu sabia!, sua mente alucinada repetia.

Mais tochas avivavam o fogaréu em ondas de fumaça espiraladas.

A luminosidade a cegou. A dor se foi. Joana não mais queimava. O latim das orações e as imprecações dos homens desapareceram. O perfume das rosas a encharcou. Era mais forte do que o fogo ou a chuva.

A Donzela de Orléans cerrou as pálpebras com a alma abençoada. Ela entrava, naquele momento, para a história da humanidade.



RELATÓRIO FINAL DE ANÁLISE.

Transcrição de trecho do pesquisador de Rouen para Central de Análise e Coleta.

“... o espécime teve morte física comprovada. Com base nos dados recolhidos, chegou-se a conclusão de que o sofrimento final da primitiva humana fora fortemente atenuado pelo que pôde ser considerada uma alucinação ficcional direcionada da mente nos últimos estágios de deterioração. Uma fuga escapista da realidade.

A crença dogmática no deus cristão da E.D., que está registrado nos arquivos como “fê”, foi o fator responsável pelo resultado, suplantando os demais em toda a pesquisa. Nos espécimes contemporâneos à mulher – ativados ou não – prevaleceu a credibilidade mitológica em ícones como anjos, bruxas, deuses e demônios...”

Os caracteres divulgados alimentaram os vastos arquivos operacionais. O projeto na Idade Mé-

dia estava encerrado. O Analista criptografou as informações.

Em seguida, apertou uma tecla holográfica. Outros nomes e datas apareceram nos leitores 3D dos Analistas. Aquele era o novo experimento: a mitologia alienígena – a histeria ufológica da E.D.

Foco inicial para interferência: Roswell, Novo México. Idade Moderna.

O Analista liberou a ordem para mais uma Ativação.



Georgette Silen é natural de Caçapava - SP. Arte educadora e professora de teatro, diretora teatral e figurinista. Como escritora, iniciou profissionalmente em 2009, participando de coletâneas no gênero que mais a inspira: a Literatura Fantástica. Flerta com o terror, com a FC e seus

subgêneros. É autora da série Lázarus, uma saga sobrenatural com 4 volumes sobre vampiros, publicada pela Giz Editorial. Também é autora dos livros *As Crônicas de Kira* e *Fábulas ao Anoitecer* (Giz Editorial, 2012), além de ter participado de mais de 30 coletâneas como coautora e organizadora. E assim ela leva sua vida, entre tramas e mistérios, romances e lendas, amigos e inimigos que saltam de sua imaginação e falam sobre seus medos, seus desejos e suas aspirações.

Contatos com a autora:

missgette@yahoo.com.br

Blog: georgettesilen.blogspot.com

Redes sociais: facebook.com/georgettesilen.silen

Twitter: @georgettesilen

A Sereia e o Pescador

um conto de

**Clinton
Davisson**

DIÁRIO DE RAFAEL - QUARTA-FEIRA DE CINZAS.

Querido diário. Me sinto abençoado. Hoje é o dia mais feliz de minha vida! Algo maravilhoso me aconteceu! Eu fiz amor com Iara, deusa das águas! Estou cheirando a peixe até agora, mas foi muito bom. Foi um presente de Deus para este romântico incurável. Mesmo que meus primos digam sempre que sou fantasioso, sei que Deus ajuda aqueles que se dedicam de corpo e alma a sua devoção.

O dia não começou bem. Meu tio estava arrasado porque havia matado um golfinho na pescaria de ontem. O pobre animal ficou preso na rede junto com os peixes. Dá azar matar golfinhos, e eu propus que rezássemos para as divindades do mar.

Quando todos foram aproveitar o carnaval na cidade, eu preferi ficar e tomar conta do barco. Bebi um pouquinho de vinho enquanto olhava para o oceano e pedia perdão, sempre rezando, louvando ao senhor. Foi quando aquele ser emergiu do mar. Era Iara, a mãe d'água. Ela estava totalmente nua e tinha os seios divinos. Sabia que ela estava lá por causa do golfinho.

Eu comecei a chorar e pedi desculpas. No alto de sua sabedoria, ela perdoou nossos pecados.

- Os deuses me abençoaram! – falei para Iara.

Ela levou minhas mãos até seus seios, depois me beijou. Eu me senti caindo por entre as nuvens. Quando dei por mim, estava deitado sobre algo macio como as nuvens do céu, e ela estava sobre mim. Senti sua pele lisa e macia. Apesar de ser peixe da cintura para baixo, aquele ser sobrenatural possuía uma vagina.

- Estou aqui! Sou toda sua! – sussurrava ela.

Percebi a dádiva que estava recebendo e fizemos amor a noite inteira!

Logo que acordei vim para cá escrever! Quanta emoção, só estou cheirando a peixe. Mas isto é um detalhe insignificante diante desta bênção!

DIÁRIO DE KATARINA – UM DIA ANTES...

19:35h

Ele era um deus Grego, um filezão! Fiquei louquinha para ficar com ele. Nossa! Como ele é

gatinho. Está lá no outro barco. Estou olhando ele direto, dando ideia mesmo! Mas ele fica lá, bebendo e bebendo! Está fazendo jogo duro. Mas eu sei o que vou fazer. Vou pular na água e ir nadando até lá, antes que ele caia de tanto beber. Seja o que Deus quiser! Afinal, o carnaval está acabando e ainda não fiquei com ninguém.

20:30h

Voltei. Foi um fracasso! Ele era um completo idiota! Quando cheguei ao barco, descobri que meu sutiã desaparecera. Mesmo assim resolvi subir no barco dele. Ele ficou me olhando com cara de bobo, depois pediu desculpas sei lá por que, veio com um papo de perdão divino. Resolvi que ele estava muito bêbado para conversar e decidi ir direto ao assunto. Levei a mão dele até meus seios. Ele pareceu entender finalmente. Me chamou de sereia e eu lhe disse que seria sua sereia se ele quisesse.

Então ele me beijou meio desajeitado. Tentei suportar seu bafo de vinho, mas ele arrotou na minha boca. Fiquei com tanto nojo que o empurrei, fazendo com que ele caísse pelo buraco que dava para o porão do barco. Caiu em cima de um amontoado de peixes. Um golfinho morto, que estava

pendurado por uma corda, se soltou e caiu sobre meu deus grego. Ele então começou a beijar o animal. Eu ainda gritei para ele, dizendo que eu estava lá em cima, mas o acéfalo não me escutou e começou a transar com o golfinho.

Diante daquela cena, preferi voltar nadando para meu barco. Amanhã cedo vou começar a arrumar as malas para voltar para casa. Vou entrar numa academia de ginastica assim que voltar! Quem sabe assim, não perca mais homens para golfinhos mortos!



Clinton Davisson Filho (Volta Redonda, 14 de julho de 1971) é jornalista e escritor. É o atual presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica do Brasil, gestão 2011/2013 e reeleito 2013/2015. É formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora em jornalismo e pós-graduado pela Faculdade Miguel Ângelo da Silva Santos de Macaé em Afrocartografia – Cultura Africana e Indígena no Brasil e no mundo. Publicou diversos livros, entre eles, os romances Fáfia – A Copa do Mundo de 2022, Hegemonia – O Herdeiro de Basten e a coletânea Brasil Fantástico – Lendas de um país sobrenatural.

REFLEXÃO



A Leitura Faz o Leitor

por Roberto de Sousa Causo

Quando comecei a participar da comunidade brasileira de ficção científica, lá por 1983, foi difícil para mim entender o fascínio que a Coleção Argonauta exercia sobre os outros fãs – especialmente os mais velhos, reunidos em torno do Clube de Leitores de Ficção Científica.

Eu pouco ouvira falar da coleção – afinal, cresci lendo a FC encontrada na série alemã *Perry Rhodan*, nos livros de FC da Hemus, na coleção *Mundos da Ficção Científica*, e nos livros de ficção científica publicados pela Bolsilivros que eu podia encontrar em bancas de revista na cidade interiorana em que vivia.

De fato, só passei a compreender o encanto que a Argonauta exercia sobre os fãs mais velhos a partir do instante em que me voltei para o meu próprio fascínio por *Perry Rhodan* e pela *Mundos da Ficção Científica*, e percebi que cada geração tem a



sua coleção ou as suas coleções formadoras.

Isso acontece porque, em geral, o fã de FC é alguém que retorna seguidamente ao seu interesse pelo gênero e nisso, ele precisa ser alimentado de alguma maneira. Nos Estados Unidos, tal papel por muito tempo coube às revistas especializadas. Ainda hoje elas são o celeiro dos melhores autores e dos fãs mais fiéis – mesmo que no formato eletrônico. Já em outras partes do mundo – especialmente no mundo de fala portuguesa –, o papel muitas vezes cabe às coleções.

A Argonauta, da Livros do Brasil (Portugal), certamente se salientava nessa tarefa de gerar e manter os fãs do gênero por sua antiguidade, periodicidade e pelo preço em geral acessível. Houve um tempo em que seus livros chegavam a uma boa parcela das livrarias brasileiras, e até mesmo a algumas bancas de revista, se não estou enganado.

No final da década de 1980, eles começaram a escassear e, durante os anos noventa se concentraram em umas poucas livrarias que ainda buscam permitir que os leitores brasileiros mantenham contato com o mundo editorial português. Em uma delas, a saudosa Livraria Paisagem, o Clube de Leitores de Ficção Científica realizou suas reuniões mensais por muitos anos. Outra é a Themus Livros, também de São Paulo.

O CLFC, aliás, também nasceu associado ao fenômeno dessa coleção – em 1985 o fã R. C. Nascimento publicou em edição do autor o livro *Quem É Quem na Ficção Científica Volume I: A Coleção Argonauta*, com a famosa ficha de inscrição na última página, pedindo que outros fãs lhe escrevessem para montar o que ele chamou de “Clube de Leitores de Ficção Científica”.

Nascimento escolheu bem a plataforma para o seu gesto de comunicação com outros fãs – aparentemente a Argonauta já despertava paixões entre pessoas que não se conheciam, e que se sentiram entusiasmadas com a descoberta de outros “semelhantes”.

E assim foi que a Coleção Argonauta se tornou o componente de uma subcultura nacional que, por suas origens, comunica-se com uma vasta subcultura global formada por fãs de FC e fantasia em todas as partes do mundo.

Não sei se o apelo da coleção é tão forte em seu país de origem quanto o é entre nós, pois Portugal teve e tem várias coleções de importância e prestígio, algumas mais conhecidas dos fãs mais jovens, como a Ficção Científica Europa-América, e a Caminho Ficção Científica; esta última, agora cancelada, foi por um bom tempo o refúgio derradeiro

do autor de FC em língua portuguesa, de ambos os lados do Atlântico, pela atuação do editor António Belmiro Guimarães.

Voltando à tese destas linhas, cada geração de fãs possui em coleções distintas os seus formadores, os motivadores daquela chama insubstancial e de difícil definição, que faz o fã de ficção científica.

A Argonauta certamente formou a geração mais nobre do *fandom* brasileiro – fãs empreendedores como o próprio Nascimento, que, ao fundar o CLFC, criou uma pequena revolução; seu parceiro nos anos iniciais, Ivan Carlos Regina; e outros que se alternaram na direção do clube, incluindo Luiz Marcos da Fonseca e Humberto Fimiani.

Mas o que isso significa?

Em parte, a certeza de que os escritores publicados na Argonauta detêm um lugar especial no coração desses fãs. Autores como Clifford D. Simak, Robert A. Heinlein, A. E. van Vogt, Isaac Asimov, Ray Bradbury, Philip José Farmer, Ursula K. Le Guin, Robert Silverberg, Frederik Pohl, Philip K. Dick e mais um monte de autores franceses, provavelmente conhecidos apenas dos leitores da Argonauta. Nesse mesmo sentido, significa que o tipo de FC encontrada na coleção tem igualmente um lugar especial no coração desses fãs. A coleção se tornou um lar para todos eles.

Talvez aqueles que, como eu, devem algo a *Perry Rhodan*, FC Hemus, e à Mundos da Ficção Científica, tenham outros autores e uma outra ficção científica em mente – embora muitos deles tenham aparecido também na Argonauta.

Mas não acho que isso cause um, digamos, “abismo” entre gerações de fãs brasileiros. O que parece ser o problema maior passa longe dessa consideração. Ao contrário, ele se refere justamente ao fim das coleções no Brasil – datado de meados da década de 1990 –, e a dificuldade das coleções portuguesas em serem distribuídas e lidas aqui. Sem um lar, sem um abrigo, como podem os novos leitores, os novos fãs, surgirem?

Minha suspeita é de que não podem. A ponte ficaria incompleta, então. Aqueles fãs que já estão por aí há algum tempo cada vez mais recorrem aos livros em inglês, mas eles já passaram pelo seu período formador lendo alguma coisa em português, a Argonauta provavelmente.

O futuro da comunidade brasileira de FC se tornaria uma incógnita. Exceto pelo fato de que a nova geração de fãs já está aí, dentro da chamada Terceira Onda da Ficção Científica Brasileira. Mas formada pelo contato com o quê? Do cinema, que parece ter destruído a FC nesse meio, justo agora que as imagens geradas por computador prometem um realismo nunca antes alcançado pelo gênero – e níveis de imbecilidade também nunca alcançados, nem mesmo na infantil FC da década de 1950? Ou sua leitura de formação está nas páginas coloridas dos RPGs e sua ênfase em contexto e descrição, sobre enredo e personagens? Serão os novos fãs garimpeiros de sebo, revirando o passado editorial brasileiro e português, em busca do que os inspire?

Tenho trombado, me acotovelado, atritado e trocado farpas, pisado em calos e cuspidado em olhos, mas também conhecido jovens interessantíssimos, dinâmicos e generosos dentro dessa Terceira Onda. Não tenho intimidade suficiente, porém, para ser capaz de traçar uma distribuição de influências. Não vou comentar o que vejo no Orkut ou Facebook, mas dá para apostar em algumas possibilidades. Antes, porém, vale anotar a aparente vontade dos vários grupos de fãs e autores em buscarem intensamente as leituras formativas que lhes foram negadas desde aquele eclipse da década de 1990, até o *boom* de publicações da área, a partir de 2005 ou por aí.

Em primeiro lugar, a publicação de FC traduzida nunca foi particularmente *up to date* no Brasil, mas em fins da década de 1980 e começo da década de 1990 era possível o acesso à antologia *cyberpunk Mirrorshades* – na edição portuguesa, *Reflexos do Futuro*, com os *cyberpunks* sendo chamados de “cibermaníacos” – e a romances dentro dessa tendência, então uma retumbante novidade: *A Usina*

Nuclear de Papai, de Marc Laidlaw (pela Best Seller), *Piratas de Dados* e *Neuromancer*, de Bruce Sterling e William Gibson, respectivamente (pela Aleph). Com o fim das coleções pouco depois, essa atualização ficou mais complicada, aumentando o abismo entre a produção internacional e os leitores brasileiros.

Por conta disso, quando o *fandom* teve um *reboot* no Orkut e na onda de *weblogs*, aqueles leitores que liam bem em inglês e tinham acesso à informação das novidades logo se tornaram os arautos da necessidade urgente de atualização. Daí a promoção constante, em certos círculos, de novidades como o *New Weird*, o *steampunk*, a *new space opera*, a literatura especulativa *queer*, etc., etc., e em geral a partir da leitura direta do inglês. Esse desejo de atualização foi abraçado por editoras como a Tarja, a Draco, a Estronho e outras, com resultados entre o interessante e o desigual, e a ponto de Marcelo Amado, editor da Estronho, ter dito no Facebook que são tantos os modismos que às vezes ele se sente na São Paulo Fashion Week.

Em segundo lugar, o *boom* de publicação de fantasia e FC que se seguiu ao sucesso de Harry Potter e O Senhor dos Anéis mudou o cenário editorial radicalmente. Modismos ou novidades a parte, na área juvenil é comum que os lançamentos lá de fora cheguem aqui ao mesmo tempo, ou apenas um ano depois, de suas estreias originais. Daí surge a tendência de uma parte dos fãs simplesmente se concentrarem apenas no contemporâneo e especificamente na área jovem adulta, ignorando aquela admoestação que Frederik Pohl fez no Brasil em 1969, durante o Simpósio de FC, respondendo a um questionamento do escritor brasileiro Walter Martins: “Se eu fosse um editor brasileiro, acho que eu tentaria recapitular a história do desenvolvimento da ficção científica nos Estados Unidos e Inglaterra... e só então eu levaria em consideração a questão de ‘padrões’. A razão para isso é que a ficção científica moderna é altamente sofisticada; é preciso um *background* deste tipo, para apreciá-la plenamente. É preciso especialmente, eu acho, possuir este *back-*

ground para conseguir escrevê-la bem, pois todos nós ativos no campo atualmente aprendemos o nosso ofício lendo histórias desse tipo.”

Geralmente, os autores que espelham essa tendência saltam de um fenômeno de vendas a outro, lendo Harry Potter, a Saga Crepúsculo, Ladrão de Raios, Jogos Vorazes – sempre em busca do “pulo do gato” que transformará os seus próprios livros em *best-sellers*.

Finalmente, há aqueles novos leitores que buscam ativamente construir uma leitura formativa a partir de critérios pessoais e provando de tudo o que o cenário atual tem a oferecer – e esse ce-

nário tem muito a oferecer, ainda que, talvez, em pequenas doses –, em termos do clássico, do novo e do popular. Não há coleções propriamente – salvo a Pulsar, da Devir, e várias séries de antologias originais –, mas não faltam opções provenientes de editoras pequenas, médias e grandes, de acesso grandemente facilitado pela Internet. A propósito, a grande facilidade, a verdadeira novidade do contexto atual, é a quantidade de material brasileiro disponível para participar desse diálogo formativo, também ele nas três frentes.

É claro, muitos leitores da geração anterior também eram igualmente onívoros. E eu suspeito que esses sempre foram os mais interessantes.

Este artigo é adaptação de um depoimento escrito para a publicação editada por R. C. Nascimento em 1999, Argonauta 500: Edição Comemorativa



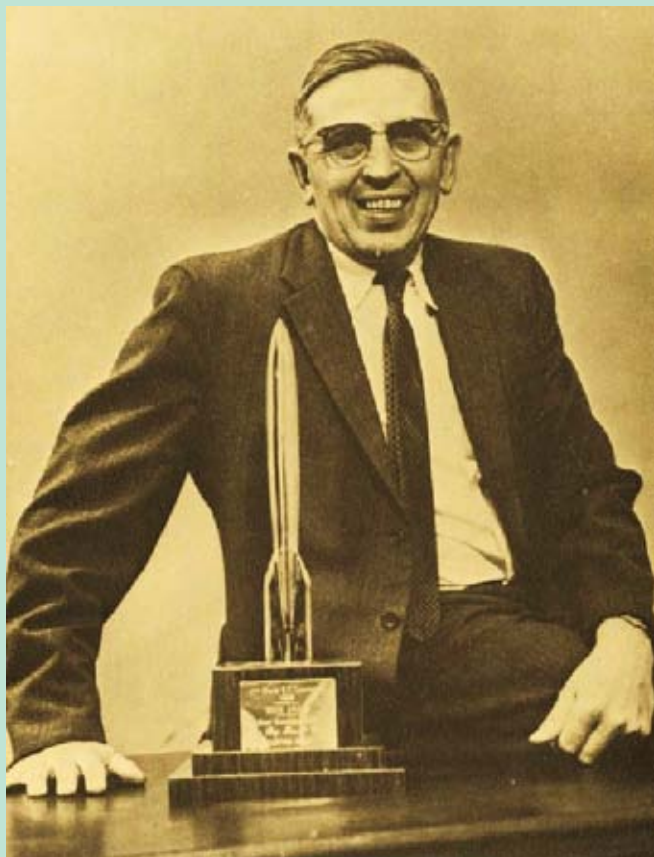


HOMENAGEM

Clifford D. Simak

Lembrando Clifford D. Simak

por João Vagos



De entre as muitas estrelas que povoam o universo da ficção científica, destacam-se algumas que pela sua excelência e originalidade continuam, independentemente da passagem do tempo, a iluminar a imaginação e os sonhos de gerações de apreciadores deste género. Neste leque de eleitos, está Clifford D. Simak, um autor de referência que consta entre os preferidos de muitos leitores. Nascido a 3 de Agosto de 1904 nos Estados Unidos, a sua atividade profissional esteve ligada sempre ao jornalismo, tendo-se também notabilizado como escritor de obras de ficção científica e de fantasia de reconhecido mérito, e sendo

agraciado com vários prémios que reconheceram o seu contributo nestes géneros literários.

Clifford D. Simak teve uma longa carreira enquanto escritor, tendo produzido continuamente obras durante cerca de 55 anos, que se traduziram em cerca de 29 romances e 120 histórias curtas¹, desenvolvendo um estilo muito próprio, que se caracteriza por combinar alguns elementos típicos da ficção científica, como máquinas do tempo, portais interdimensionais e capacidades psíquicas, com pessoas perfeitamente normais a viverem no tempo presente e em locais comuns, recorrentemente em pequenas cidades semelhantes a Millville, no Estado do Wisconsin, onde Clifford nasceu e passou parte da sua vida. Estas pessoas comuns, que geralmente vivem em quintas ou em pequenas localidades, veem-se subitamente imersas em situações estranhas, que podem ser originadas devido a abrirem portas para outras dimensões, ou para um tempo diferente. Embora nas suas obras a tecnologia se encontre pontualmente através de naves, *robots* e outros elementos comuns ao género, Clifford D. Simak não entra geralmente muito em explicações de carácter técnico, servindo-se apenas do aspecto tecnológico no sentido de ajudar a criar um contexto que credibilize e permita o desenvolvimento da história em termos de argumento. Outras características que pautam as suas obras são um humor subtil e um grande sentido de amizade, lealdade e humanidade, que é geralmente comum relativamente às personagens principais.

Na língua portuguesa, Clifford Simak está felizmente presente, tendo sido amplamente representado numa das coleções de referência de ficção

¹ A lista integral das obras publicadas por Clifford D. Simak está disponível e pode ser consultada em vários locais da Internet, nomeadamente no site <http://www.fantasticfiction.co.uk/s/clifford-d-simak/>, que inclui as datas das mesmas.

científica em Portugal, a *Coleção Argonauta*² onde é, aliás, o autor que mais livros tem publicados, num total de 33, embora algumas obras tenham sido publicadas em dois volumes. O autor mais publicado a seguir a Clifford D. Simak é Robert Heinlein, com 31 livros, que também constam na coleção³ referida.

Clifford D. Simak permanece como um dos grandes escritores contemporâneos de ficção científica. Ao longo da sua longa carreira como escritor, ganhou todos os grandes prémios do género. Com aquela que é considerada uma das suas melhores obras, intitulada *City*⁴, ganhou em 1953 o *International Fantasy Award*. Em 1959, ganhou o prémio *Hugo* pelo seu conto intitulado *The Big Front Yard*⁵ e em 1964 novamente um *Hugo* com uma obra verdadeiramente excepcional, intitulada *Way Station*⁶. Em 1967, é distinguido com o *Minnesota Academy for Science Award*, por serviços distintos relativamente às Ciências, e em 1973 é-lhe atribuído o *First Fandom Hall of Fame Award*. No ano de 1977, foi aclamado como *Grand Master*, pela *Science-Fiction and Fantasy Writers of America*. Em 1978, ganhou um *Júpiter Award* pelo seu conto *A Heritage of Stars*⁷, e no ano de 1981 é agraciado com vários prémios pela obra intitulada *Grotto of the Dancing Deer*, nomeadamente com um prémio *Hugo*, um *Nébula*, um *Locus*, e ainda um *Analog Analytic Laboratory Award*. Em 1987, a *Horror Writers Association* atribuiu-lhe o prémio *Bram Stoker Award for Lifetime Achievement*.

Clifford D. Simak é um dos meus autores preferidos no género, e desde criança sempre me consequiu realmente encantar com muitas das suas obras.

Sempre gostei extraordinariamente dos ambientes bucólicos que cria, onde pessoas simples vivem por vezes situações fora do normal ligadas a viagens no tempo, peregrinações com objetivos vários, ou contatos com seres extraterrestres. E sempre apreciei o modo como consegue ligar os elementos de ficção científica e de fantasia, transmitindo em muitos dos seus contos uma sensação de paz e ligação à Natureza onde a magia é algo de natural, bem como a existência de seres tradicionalmente ligados às lendas e folclore antigos, como *duendes*, *anões*, ou *gnomos*. Embora seja apreciador de toda a obra, atrevo-me a sugerir alguns livros, que no meu entender constituem realmente referências incontornáveis entre os muitos que escreveu. O meu preferido é o já referido *Way Station (Estação de Trânsito)*, onde podemos acompanhar o percurso de Enoch Wallace, um habitante de uma pequena povoação cuja casa serve de ponto de passagem para vários tipos de passageiros extraterrestres, e que partilha conosco memórias, preocupações, e algumas aventuras. Para mim, é o livro que reúne melhor tudo o que gosto em Clifford D. Simak. Seguidamente, sugiro *Enchanted Pilgrimage (O Outro Lado do Tempo)*, onde podemos entrar num mundo onde “a magia e a ciência podem viver lado a lado - um mundo em que duendes, unicórnios e outros seres mágicos podem viver juntamente com autómatos, bicicletas, armas de fogo e discos voadores” (retirado da sinopse). Um outro título para mim incontornável, e uma das obras que mais gostei de ler foi o *Mastodonia*⁸ (*O Tempo dos Mastodontes*), publicada em 1979 e que tem um tema que é um dos meus preferidos no género, versando sobre as viagens no tempo. Um habitante de uma pequena localidade entra em con-

² A Revista BANG! - uma publicação quadrimestral da editora Saída de Emergência, presente em Portugal e no Brasil, publicou recentemente um extenso artigo da autoria de Luís Filipe Silva sobre a Coleção Argonauta. A 2ª parte do artigo sairá no próximo número da revista, entretanto é possível fazer o download gratuito da revista e ler a primeira parte do artigo diretamente no site da Saída de Emergência.

³ As obras da Coleção Argonauta podem ser vistas em termos de capa e contracapa, bem como a informação relativa às sinopses e introduções (quando estas existem), no blog <http://colecaoargonauta.blogspot.pt/>.

⁴ Publicada na Coleção Argonauta com o nº 117

⁵ Publicada na Coleção Argonauta com o nº 279.

⁶ Obra excepcional, que reúne uma fantástica conjugação de todos os fatores literários que tornaram Clifford D. Simak um exemplo incontornável no género da ficção científica. Publicada na Coleção Argonauta com o nº 130-A.

⁷ Publicada na Coleção Argonauta com o nº 262.

⁸ Publicada na Coleção Argonauta com o nº 267.

tato com um ser estranho que lhe permite efetuar deslocações temporais, e rapidamente o humano tenta rentabilizar a oportunidade, transportando equipas com o objectivo de proceder a caçadas a dinossauros, no passado. E, independentemente dos muitos livros que escreveu, Clifford Simak possui também coletâneas de contos, de pequenas histórias que são verdadeiras pérolas dos géneros da fantasia e da ficção científica. Uma delas, já referida, pode ser encontrada em *A Revolta das Máquinas*⁹ (publicada em dois volumes na *Colecção Argonauta*), e que reúne, além do conto *The Big Front Yard* com que o autor ganhou em 1959 o primeiro dos seus prémios Hugo, cerca de mais uma dezena de contos, todos eles extremamente originais e alguns de uma sensibilidade absolutamente tocante, como é o caso de *The Ghost of a Model T*” (*O Fantasma do Modelo T*), onde um idoso se reencontra estranhamente, nos tempos da sua juventude, com um velho amigo e com um velho *Ford T* que na época era uma referência. A este propósito, Clifford refere ser este conto uma “...*fantasia, pura saudade dos*

princípios dos anos 20, baseada nas minhas próprias recordações desses tempos fabulosos. Creio que o que eu disse nessa história está mais perto do espírito desse tempo que todos os livros que a ele têm sido devotados”. A obra de Clifford D. Simak também faz parte do meu próprio imaginário infantil e juvenil, desses tempos que para mim também foram fabulosos, e que sobretudo foram muito enriquecidos por todas estas obras maravilhosas. Deixo pois aqui a minha sentida homenagem e o meu sincero agradecimento a Clifford D. Simak, por muitas leituras fantásticas, que me acompanharam durante muitos anos.

João Vagos é administrador de blogs criados para homenagear publicações de literatura fantástica, tais como a *Colecção Argonauta* (<http://colecaoargonauta.blogspot.pt/>) e a *Colecção FC Europa-América* (<http://fceuropa-america.blogspot.com.br/>)



⁹ Publicada na *Colecção Argonauta* com os nº 278 e nº 279.



Resenhas

R

Estação de Trânsito

Clifford Simak

(volume 130-A da coleção Argonauta)

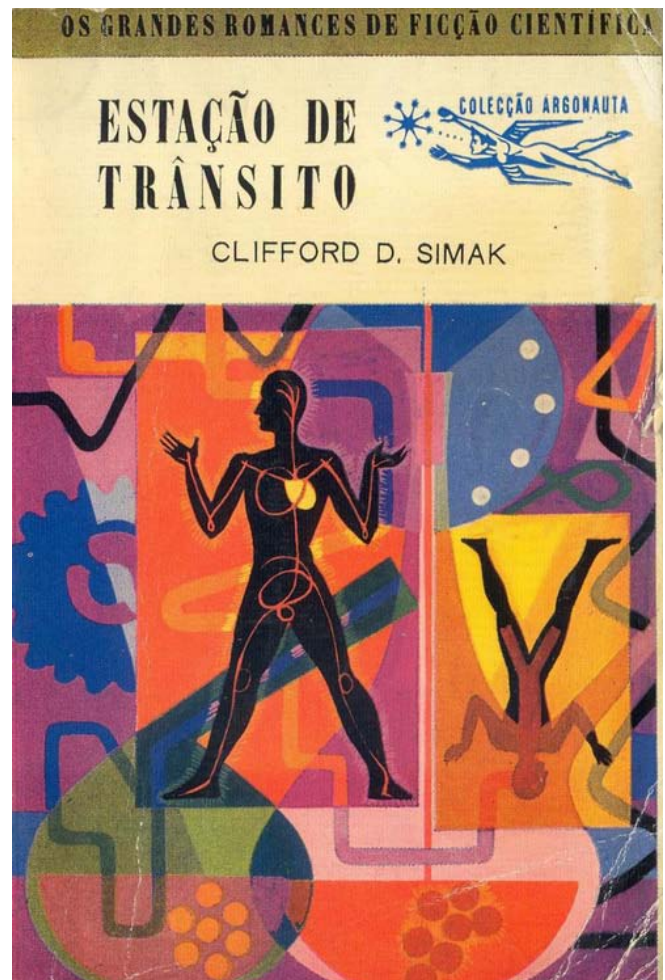
UM BUCÓLICO TECNOLÓGICO E REFLEXIVO

por Ricardo Guilherme dos Santos

Way Station (1963), ganhador do Prêmio Hugo em 1964, até onde sei nunca foi editado no Brasil. Em Portugal, recebeu tradução de Gilberto Almeida e foi publicado pela Argonauta (volume nº 130-A), aparecendo depois como o título nº 200 da Coleção Vampiro, em edição dupla com o romance policial O Caso da Vela Torcida, de Perry Mason. De Clifford Simak, eu havia lido apenas Boneca do Destino e, em seguida, Cidade. Gostei muito do primeiro livro, mas a paixão pela escrita de Simak surgiu com intensidade a partir da leitura do segundo. Cidade fez com que em me interessasse muito pela obra do autor. Pesquisei na *internet* e descobri que a coleção Argonauta publicou vários de seus romances. Também fiquei sabendo que, na opinião de muitos, *Way Station* disputa com *City* o título de obra mais relevante deste escritor.

Após muito procurar, consegui adquirir um exemplar da publicação feita pela Coleção Vampiro. Dizem, aliás, que o volume 130-A da Argonauta é muito mais raro, quase uma lenda, e que quem o possui teria uma verdadeira preciosidade em sua biblioteca. Hoje sou mais um dos que pensam assim. Seja pela raridade, seja pela qualidade da obra, Estação de Trânsito é, de fato, uma preciosidade literária.

Enoch Wallace era um veterano da Guerra de Secessão norte-americana, que passou a morar sozinho após a morte dos pais. Em determinado dia, ainda jovem (tinha cerca de trinta anos de idade), recebeu uma insólita visita em sua fazenda. O fo-



rasteiro tinha uma aparência incomum, de uma estranheza que chegou ao ápice no momento em que a roupagem humana da criatura começou a ser descortinada. O rosto do ser abriu-se, revelando uma face alienígena que causou espanto aos olhos de Enoch. A criatura, no entanto, era amigável e conseguia falar o idioma nativo com alguma clareza, tornando possível a comunicação entre ambos. Seu nome era impronunciável, por esta razão Enoch lhe pediu permissão para chamá-lo de Ulysses, explicando-lhe a origem do nome. O alienígena gostou

do que ouviu e assentiu em ser assim chamado.

Ulysses, porém, não viera apenas para uma mera visita. Ele trazia uma inusitada proposta da *Central Galáctica*, entidade para a qual trabalhava. Os responsáveis por ela pretendiam transformar a casa de Enoch em uma espécie de *estação de trânsito*, por intermédio da qual habitantes dos planetas civilizados da Via Láctea transitariam durante suas viagens pelas estrelas. O lar de Enoch seria equipado com todo o aparato tecnológico necessário para receber e despachar os viajantes, servindo como *escala* nestas jornadas. Enoch, por sua vez, seria o encarregado desta estação de trânsito *sui generis*.

Passado o susto inicial, a proposta foi aceita e o alienígena Ulysses, com o tempo, tornou-se seu amigo.

Enoch passou a manter um diário detalhado sobre cada evento por ele presenciado, discorrendo sobre as visitas recebidas, suas impressões acerca dos visitantes e o que eles contavam sobre as particularidades de seus planetas de origem. Dentro da estação, ele não envelhecia nem sequer um minuto, o que lhe causou um problema: com o correr das décadas, sua eterna juventude passou a ser objeto de estranheza pelos moradores das propriedades vizinhas, obrigando-o a se tornar cada vez mais recluso. Ainda assim, a fama do homem que passara dos cem anos de idade mantendo a aparência de um jovem acabou chegando até entidades governamentais, despertando a curiosidade do Serviço Secreto, em especial do agente Claude Lewis. A partir de então, Enoch passou a ser vigiado.

Neste ponto, creio ser importante fazer um alerta aos que leem este texto: ele revela diversos detalhes da trama que alguns leitores podem preferir não conhecer. Sugiro, portanto, que leiam o restante apenas se não se importarem com o excesso de revelações.

A solidão de Enoch, intensa, emociona o leitor. Como responsável por uma estação de trânsito galáctica, ele recebia muitos passageiros, os mais diversos e inimagináveis seres alienígenas, porém eram quase sempre visitas rápidas. Além disso, a dificuldade de interação entre as espécies era muito

grande. Enoch pouco saía da estação. Fazia apenas um pequeno passeio diário e ia até a agência de correios local para retirar os periódicos que assinava, como única forma de se manter informado sobre o que acontecia em nosso mundo. Winslowe, o carteiro, tornou-se um de seus poucos amigos, o único ser humano com quem conversava com habitualidade. A outra humana com a qual mantinha contato era Lucy Fisher, a filha surda-muda do fazendeiro vizinho. Enoch e Lucy entendiam-se graças a uma afinidade silenciosa. Havia uma ligação especial entre eles. Comunicavam-se pela troca de olhares, às vezes quase por telepatia. Dentre os amigos alienígenas, além de Ulysses, merecem destaque os representantes de uma espécie que ele chamava de Hazers, seres extremamente amigáveis que projetavam uma aura colorida à sua volta, emitindo energias de pacificidade e amizade.

Lucy Fisher parecia ter poderes que excediam a compreensão humana. Foi capaz de curar uma borboleta que tinha uma asa partida, sem lançar mão de qualquer medicamento ou procedimento específico. Para realizar tal proeza, usou apenas uma espécie de energia espiritual (pelo que fica subentendido, sua pureza). Ela também foi capaz de colocar em funcionamento um misterioso aparato alienígena, uma pirâmide formada pela junção de diversas esferas coloridas e cintilantes, presente que Enoch ganhara há muitos anos e que jamais imaginara qual seria sua utilidade. Era, porém, a bondade de Lucy, assim como sua conexão com a Natureza, que a faziam tão especial. A garota parecia estar sempre em contato com algo sublime.

“Lucy era um ser dos bosques e das colinas, da flor da Primavera e do voo dos pássaros no Outono. Conhecia estas coisas, vivia com elas, e era, de um modo algo pessoal, uma parte específica delas. Era alguém que habitava à parte um velho e perdido compartimento do mundo natural. Ocupava um lugar que o Homem de há muito abandonara, se é que, de facto, algum vez lhe pertenceu.” (página 44)

Durante a obra, fica clara a preocupação de Simak com o futuro da humanidade e com a questão da espiritualidade. Ele questiona a razão de estarmos aqui e parece espelhar nas preocupações

de Enoch suas próprias inquietudes. Quando Enoch reflete – e esta obra é essencialmente reflexiva – acredito ser Simak que está refletindo e manifestando suas preocupações e pesadelos. Em determinado momento, ele discorre sobre um complexo mecanismo conhecido como Talismã, por intermédio do qual seria possível realizar contatos com a força espiritual que governaria a galáxia. Parece-me – não estou certo – que o autor desenvolveu o assunto mais profundamente em outra(s) obra(s). Há um livro de sua autoria, inclusive, chamado A Irmandade do Talismã, publicado pela Argonauta na edição nº 294. Este engenho ainda voltaria a ser assunto na parte final da trama, cujo desfecho não convém revelar, pois isto macularia ao menos parcialmente o prazer da leitura.

“Ele sentiu que estremeceu ao pensar nisso – o puro arrebatamento de tocar a espiritualidade que inundava a galáxia e, sem dúvida alguma, o Universo. Isso seria uma garantia, pensou, uma garantia de que a vida ocupava um lugar especial no grande esquema da existência, de que qualquer pessoa, por muito pequena, fraca, ou insignificante que fosse, podia mesmo assim contar para alguma coisa na imensidão do espaço e do tempo.” (página 83)

A solidão fez com que Enoch criasse amigos imaginários, espécies de hologramas fabricados com tecnologia das estrelas, mas que pareciam feitos de carne e osso. Dentre estes, merece destaque Mary, uma espécie de *mulher ideal* para o protagonista, uma junção de Lucy com uma bela garota que Enoch conhecera apenas de relance nos tempos em que era soldado. E então o inevitável acontece: Enoch apaixonou-se por sua Monalisa. A boa surpresa é que seu amor é correspondido. Entretanto, o relacionamento entre o ser real e a criatura imaginária (mas que se sentia plenamente viva) chegou a um ponto de inevitável ruptura. Simak discorreu com maestria sobre toda a carga emocional que o fim do relacionamento causou.

“Mary nunca mais voltaria, nem ele tornaria a chamá-la, ainda que pudesse, e tanto o seu mundo irreal como o seu irreal amor, o único amor que já verdadeiramente tivera, desapareceriam para sem-

pre.” (página 89)

Por várias décadas, a rotina de Enoch como administrador/encarregado da estação pouco se alterou, porém seus aprendizados foram imensuráveis. Dentre os fatos marcantes, o falecimento de um Hazer dentro da estação. Seguindo orientações da Central Galáctica, Enoch adotou um procedimento padrão da Terra no caso de óbitos, enterando o viajante em sua propriedade, com todas as honras, ao lado dos corpos de seus pais. Anos depois, todavia, o investigador Claude Lewis desenterrou o corpo do alienígena, subtraindo-o, atitude que deu início a uma discórdia entre as espécies que compunham a Central Galáctica, um desentendimento de grandes proporções que poderia por fim não apenas à única estação de trânsito da Terra, mas também, para desespero de Enoch e Ulysses, a todo o projeto de expansão das estações no *braço espiral da galáxia*. Neste ponto, cumpre observar que a obra foi escrita entre fins dos anos 1950 e início da década de 1960, época na qual começava a se desvendar a existência de braços espirais na Via Láctea. Provavelmente, Simak referia-se à ramificação de Órion.

Simak parece ter escrito a obra sob uma forte influência dos horrores da Segunda Guerra Mundial e do ambiente tenso da Guerra Fria. O personagem principal – um veterano da Guerra Civil norte-americana, como mencionado no início deste texto – em dado momento viu-se diante da iminência de outro conflito, de proporções mundiais e potencialmente muito mais danoso do que aquele do qual participara. Utilizando um complexo mecanismo estatístico criado por especialistas alienígenas, Enoch descobriu que a Terra estava a caminho de um devastador conflito mundial. Foi inevitável que recordasse seus distantes tempos de soldado – os quatro anos durante os quais teve de matar para não ser morto – e refletisse sobre a insensatez da espécie humana.

“Compreendera nesse momento a loucura da guerra, o gesto fútil que a dada altura deixou de ter significado, a ira impensada que deve ser alimentada para além do incidente que a originou, a crença

ilógica de que um homem só, pela morte ou pelo sofrimento, podia justificar um direito ou sustentar um princípio.

Alguns, pensou, no longo retrocesso pela história, a raça humana tinha aceitado uma demência por princípio e tinha persistido nela [...]” (páginas 162-163)

Diante deste cenário, em conversa com o amigo Ulysses, Enoch descobriu que, como membro da Central Galáctica há tantos anos, poderia falar em nome da Terra, solicitando ajuda àquela entidade para que a guerra que vislumbrou não acontecesse. Segundo Ulysses, Enoch tinha chances de ter o seu pedido atendido, porém o preço a ser pago pelo “tratamento” – por toda a espécie humana – seria alto: uma regressão intelectual, com a perda da habilidade de compreender e manejar tecnologias avançadas. Com isto, o ser humano tornar-se-ia incapaz de produzir instrumentos potencialmente devastadores para o planeta, mas também os aparatos tecnológicos pacíficos. Ainda poderia haver guerras, porém com a utilização de armas menos destrutivas.

Enoch passou a refletir sobre a enorme responsabilidade que lhe competia: decidir se devia ou não pedir a ajuda da Central Galáctica e, assim, optar pela provável guerra mundial ou por um processo de regressão intelectual do ser humano, como tratamento para nossa belicosidade. Começou a pensar em todo o conhecimento que acumulara nos contatos com as criaturas das estrelas, saberes que jamais pudera ou poderia vir a compartilhar com os demais membros de sua espécie. Enoch pensou nos livros, artefatos e conhecimentos médicos de origem extraterrestre, em especial numa caixa que ganhara e que continha substâncias capazes de curar todos os males. O processo de crise psicológica do protagonista foi descrito com profundidade, revelando-se um mergulho na psique de Enoch. Simak conseguia descrever muito bem a imensa crise de consciência que aquele dilema levou-o a enfrentar.

“Poderia um homem decidir, por comparação, se a guerra seria pior que a estupidez, ou vice-versa? A resposta parecia ser que não. Não havia processo de

medir a possível catástrofe em qualquer das circunstâncias.” (página 155)

São estes dois fatos que conduzem ao clímax na parte final da obra: a possibilidade de desativação da estação de trânsito terrestre, com abandono do projeto de expansão destas vias galácticas, e a terceira guerra mundial, que, segundo previsões estatísticas infalíveis, se avizinhava da Terra. Cerca de cem anos tinham decorrido desde que Enoch iniciara aquele trabalho e, ao refletir sobre tudo o que vivenciara, ele questionou que espécie de criatura teria sido ele durante estes cem anos de solidão. Ao mesmo tempo em que procurava recuperar o corpo do alienígena, como forma de minorar as consequências do incidente intergaláctico, uma revolta contra ele era arquitetada pelo pai de Lucy, sob a falsa acusação de rapto da jovem. A vida de Enoch começou a correr risco.

Estação de Trânsito é um romance campestre, com belíssimas descrições que lembram o *bucolismo*. A casinha em meio à natureza, com poucos vizinhos, os hábitos simples... Você quase pode sentir a terra sob seus pés e o aroma das flores do campo. E, no entanto, é um romance de ficção científica, que envolve uma quantidade incontável de espécies alienígenas (com todas as suas características físicas e psicológicas peculiares), tecnologias avançadas e conflitos de proporções galácticas. Este romance pode parecer uma incongruência em si mesmo, mas não é. Antes, é uma bem sucedida junção do heterogêneo em uma obra escrita com qualidade literária difícil de ser igualada. Simak consegue fazer com que o clima rural de uma velha casa de campo nos pareça o cenário perfeito para que Enoch contracene com o futurismo [muito] controverso das viagens acima da velocidade da luz. A ideia que serviu de premissa inicial ao texto – a existência de uma estação de passagem, uma “escala” para viajantes da galáxia – é original e muito imaginativa. A residência de Enoch transforma-se numa espécie de ponto de encontro, um local propício para se celebrar amizades com seres de outros mundos. Os diálogos mantidos entre o protagonista e estas criaturas – tanto as reais quanto as imaginárias – são bem elaborados, o que aumenta

o prazer da leitura. Não conheço outro livro com tal premissa e, se algum escritor no futuro se basear em proposta semelhante, não creio que seja capaz de desenvolver o texto com o mesmo brilhantismo de Clifford Simak.

E as qualidades de Estação de Trânsito não pararam por aí. Trata-se de obra que evita o banal expediente das cenas de violência, podendo ser indicada (apesar de tratar de temas adultos) até para leitores mais jovens. Embora Enoch tenha uma espingarda como companheira quase inseparável, habitualmente só a colocava em funcionamento durante simulações de caça a seres irreais (note-se: a obra foi escrita há pelo menos cinquenta anos e seu autor já previa o uso de realidades virtuais como forma de entretenimento), que realizava no subterrâneo de sua casa-estação. Na verdade, como já frisado nesta resenha, o personagem principal praticamente não saía da estação que administrava. Este panorama pode parecer tedioso para muitos leitores, porém o romance ganha uma força incomensurável graças à capacidade de cativar existente tanto na escrita de Simak quanto na personalidade do protagonista. Enoch é um administrador diligente, que leva muito a sério suas responsabilidades e tem imenso prazer em receber os passageiros galácticos, estudando seus comportamentos, suas fisiologias, e imaginando como deveriam ser belos, sob as mais diferentes óticas, os planetas de onde se originavam. É um observador do outro, um estudioso do diferente, um contemplador da diversidade da Criação.

Com suas reflexões, Enoch nos conduz a tam-

bém meditar. Sinto-me à vontade para dizer que Estação de Trânsito é a ficção científica mais reflexiva a que já tive acesso. Em momento algum a adrenalina é usada como um ingrediente da obra. São poucas as cenas de ação. Elas surgem apenas ao se aproximar o final da trama, onde há momentos de tensão, com situações criadas por explosões de sentimentos, mas que culminam em pacificidade e, sobretudo, em aprendizado. Todo este cenário – vale frisar – foi conduzido com muita maturidade pelo autor. Simak fez questão de dar primazia à profundidade dos sentimentos e reflexões, mesmo quando seus personagens se viram diante de situações de confronto físico. Nada de violência gratuita.

Estação de Trânsito cativa com naturalidade; agrada sem precisar utilizar qualquer artifício. É uma viagem por toda a galáxia e também ao interior de diversas criaturas, sobretudo do atormentado Enoch, sem que para isso seja necessário sair de dentro de sua propriedade no campo. Some-se a isso a escrita rica de Simak – quase poética, a exemplo da de Bradbury – e a criatividade sem limites do autor. Uma obra fascinante.

“Era verdade, pensou Enoch. Assim acontecia com o Homem; fora sempre assim. Trouxera o terror dentro de si; e a razão do seu medo fora, sempre, ele mesmo.” (página 209)

Ao final da leitura, fica difícil entender porque Estação de Trânsito não ganha novas edições em língua portuguesa.

R

Cidade

Clifford Simak

(publicado na coleção Argonauta sob o título As Cidades Mortas, volume 117)

FICÇÃO E REFLEXÃO

por Antonio Borba

Dentre os grandes nomes da ficção científica em seu auge, quando os livros eram apenas de papel, figuram Isaac Asimov, Arthur C. Clarke, Philip K. Dick, Ray Bradbury e outros escritores cujas obras até hoje são transformadas em filmes ou servem de inspiração para histórias que conhecemos através do cinema.

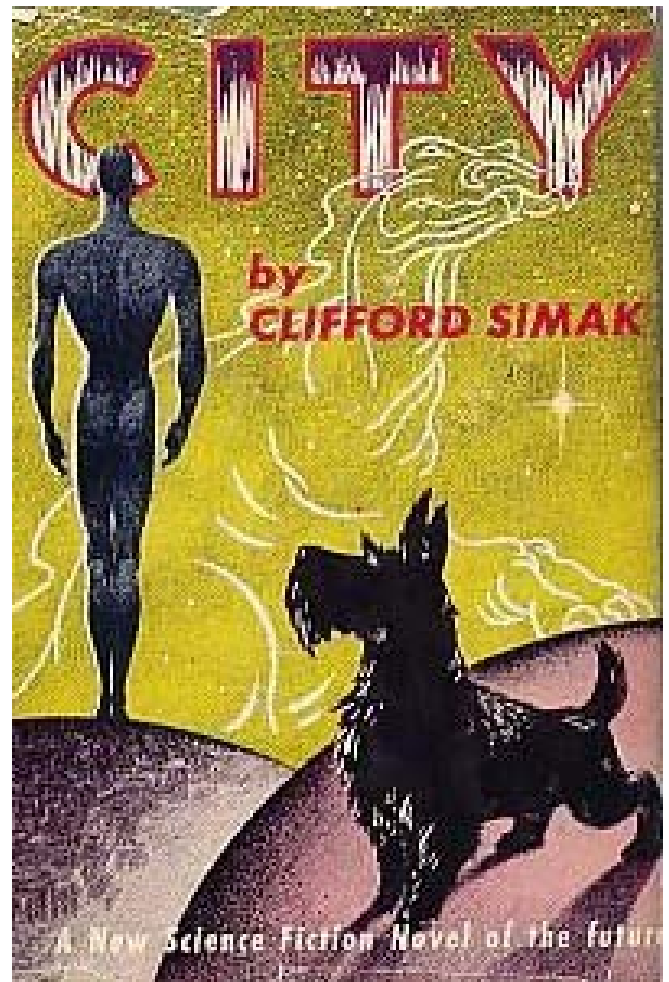
Clifford D. Simak foi um dos grandes nomes a figurar na seleta lista de autores, e uma de suas obras-primas, *City*, conta uma história revolucionária e instigante até os dias de hoje. Publicado em 1952, é surpreendente perceber como esse brilhante autor conseguiu misturar ficção, filosofia, espiritualidade, sentimentos humanos, robôs e animais em uma peça singular.

Histórias complexas como essa não serão contadas em um filme, embora muitas ideias originais tenham sido copiadas nas películas que vemos hoje. Para as novas gerações, a ficção científica ficou no passado assim como os filmes clássicos e quase tudo aquilo que exige atenção monotarefa para ser compreendido. Porém, algumas ideias ainda são surpreendentes e inovadoras sob o prisma atual.

Este post se propõe a resumir e debater os pontos-chave dessa fascinante narrativa, mostrando a ficção e gerando uma reflexão que estabelece paralelos com nossa vida real.

Spoiler alert: boa parte da história é relatada abaixo.

A queda das cidades e da sociedade como conhe-



ce-

FICÇÃO

Os anos se passaram, o avião e o helicóptero substituíram o carro, as estradas desapareceram, as plantações não eram mais necessárias devido à hidroponia. Com espaço sobrando no mundo e uma independência nunca antes vivida, o homem abandonou as cidades, estando livre para escolher como queria viver. Alguns compraram lotes baratos no interior, facilmente construindo uma casa

e modificando-a para abrigar novas necessidades, alguns foram morar em outros mundos, estabelecendo contato com civilizações alienígenas. Poucos homens ainda continuavam em suas antigas residências, mantendo a tradição familiar viva. Com a ausência de grandes centros a serem disputados, as guerras acabaram.

REFLEXÃO

Clifford estabelece uma realidade que nos faz parar e pensar. As guerras existem, principalmente, por disputas de territórios. A descentralização completa da humanidade acabaria com elas? É mesmo possível que, não havendo a necessidade de se agrupar em grandes centros, com espaço sobrando e transporte rápido e barato, o homem prefira se dispersar? Ideias questionáveis e muito interessantes. O livro estabelece, claramente, a queda das cidades e a mudança do sentimento de uma civilização que, assim como em sua primitividade, tornou-se novamente exploradora e desbravadora.

O homem deixou de ser a espécie dominante

FICÇÃO

O homem alterou os cachorros geneticamente através de cirurgias que os permitiram ler e falar como os humanos. Dessa forma, os cães puderam adquirir conhecimentos e evoluir sua inteligência, incorporando as mudanças nas novas gerações. Os robôs construídos pelo homem ajudavam os cães em diversas tarefas, limitadas pela estrutura corporal desses animais, compensando a ausência de mãos. O tipo de inteligência e raciocínio dos caninos os levava a pensar de forma diferente do homem, abrindo caminho para uma nova evolução. Além disso, através de outra modificação genética, as formigas passaram a ser a espécie dominante na Terra, que passou a se chamar “Ants World” – o mundo das formigas. Cooptando os robôs através de um pequeno “vírus mecânico”, as formigas cresceram sua gigantesca colônia a ponto de ocuparem o espaço físico da Terra.

REFLEXÃO

Esse conceito é muito interessante mesmo, uma vez que Clifford estabelece paralelos na forma como o homem pensa e como um cão supostamente pensaria na mesma situação (mais sobre isso no próximo subtópico). A riqueza de detalhes é grande, o cão inclusive fala de forma diferente. Possui uma objetividade muito grande, mas ao mesmo tempo é capaz de desbravar novas fronteiras. Com inocência, desprendimento e generosidade, os cães chegaram onde o homem nunca chegou antes, levando-nos a pensar como o mundo seria caso outra espécie houvesse desenvolvido a inteligência. Mesmo as formigas representam outro caso muito interessante: sua forma agressiva de crescimento em colônias, aliada ao desenvolvimento de inteligência, as fizeram uma raça insuperável e dominante, ao ponto de inventarem um nanorrobô capaz de, literalmente, entrar no cérebro dos robôs construídos pelo homem e convertê-los em seus escravos. São conceitos muito avançados para uma era na qual o computador pessoal e os vírus sequer existiam.

O robô Jenkins é melhor exemplo de lealdade à raça humana. Em uma terra deserta, ele é o último de sua espécie e passa seus dias em uma solidão contemplativa. Dentre as últimas tarefas delegadas por seus amos, estava a de auxiliar a nova raça de cães em seus primeiros passos rumo à evolução¹.

Os cães e as outras dimensões

FICÇÃO

Até hoje a ciência discute e admite a existência de outras dimensões. Os seres humanos, em sua religiosidade, acreditam em espíritos. Os cães foram criados geneticamente, sem o conceito de uma religião. Assim, com seu pensamento lógico desconhecendo a fronteira entre ciência e espiritualidade, eles conseguiram compreender e acessar outras dimensões. O que o homem chama de fantasmas ou espíritos, para os cães são habitantes de outros planos que eles aprenderam a acessar. Dessa forma,

¹ No artigo original (<http://www.antoniorborba.com/clifford-d-simak-city/>), neste ponto o autor faz menção a uma ilustração de David C. Nelson.

enquanto o homem construía foguetes para explorar fisicamente outros mundos, os cães tinham a opção de simplesmente se transportar para dimensões paralelas e povoá-las. Aliás, com o passar dos anos, os cães perderam contato com a bagagem de ciência do ser humano, o que faz sentido uma vez sua raça havia nascido em um mundo tecnológico. Em verdade, os cães sequer tinham conhecimento a respeito das viagens interestelares e outras tecnologias humanas.

REFLEXÃO

O mais fantástico dessa discussão toda é a queda das barreiras entre ciência e espiritualidade. Realmente, é preciso uma mente livre de pré-conceitos para que o assunto possa ser visto sobre um novo prisma. No livro, a sensibilidade dos cães é a chave para isso. Várias vezes é citado o exemplo de cães que “latem no meio da noite, quando não há ninguém ao redor e não vemos rastro de nenhum animal“. O autor insinua que isso é uma espiritualidade canina, um dom que os cães possuem de ver outras coisas e que o ser humano não consegue. Portanto, uma mente livre de dogmas e dotada de tal espiritualidade conseguiu compreender e explorar o conceito de outros planos entre o céu e a Terra, algo que o homem, no fundo, acredita dentro de uma condição esotérica. Aposto que, quando o seu cachorro latir à noite, você passará a olhá-lo de outra forma a partir de agora!

A filosofia marciana

FICÇÃO

Havia vida inteligente em Marte, uma raça que coexistia pacificamente com os humanos. Um grande filósofo marciano lançou as bases para uma nova filosofia que poderia fazer a humanidade avançar 100.000 anos em apenas duas gerações. Pressão social e necessidade de aprovação eram fatores que faziam o homem matar e morrer – seguir cultos, agrupar-se em facções e cometer atrocidades em massa. A filosofia marciana se disporia a resolver todos esses dilemas, propondo uma nova linha de pensamento para a raça humana. Entretanto, com a morte do filósofo, somente uma mente que não

conhecia abismos ou lógica, uma mente aliviada de 4.000 anos de pensamentos humanos, seria capaz de continuar e concluir o estudo. E assim surge a figura de um mutante, o mesmo ser inteligentíssimo que possibilitou o desenvolvimento da raça das formigas, que se interessou pelo estudo inacabado e se propôs a terminá-lo.

REFLEXÃO

Talvez a parte mais profunda do livro seja a proposição de uma nova base filosófica – um pensamento completamente diferente de tudo que o homem tem adotado desde a sua mais primitiva evolução. Talvez algumas pessoas pensem que isso é ir longe demais, porém é muito interessante refletir sobre o fato de que, dada a nossa bagagem cultural e social, é muito difícil (se não impossível) pensar de forma realmente independente em uma questão tão profunda. E o mero fato de questionarmos isso já é válido. Esse é mais um exemplo do quanto brilhante eram as mentes dos autores de ficção científica como Clifford D. Simak – o que seria material para um livro todo e poderia gerar um amplo debate a respeito, nada mais é do que um apêndice em sua história. De fato, cada um desses tópicos já daria material suficiente para um filme completo, e *City* é um livro bastante curto.

A exploração de Júpiter – inspiração para Avatar?

FICÇÃO

Júpiter é um planeta com pressões atmosféricas tão intensas que o fundo do oceano mais profundo da Terra parece um vácuo em comparação. Nenhum ser vivo terrestre e nem mesmo o mais denso metal fabricado pelo homem poderiam existir em Júpiter. Entretanto, lá viviam os Lopers, complexos seres que não poderiam ser retirados para estudo pelo motivo oposto – não sobreviveriam fora da densa atmosfera. E assim os marcianos fizeram um longo e demorado trabalho de estudo no local, desenvolvendo uma forma para o homem explorar o planeta – no melhor estilo AVATAR, os seres humanos eram teletransportados para um corpo de Loper e saíam para explorar o planeta. O problema: eles não voltavam.

Um intenso debate surgiu sobre o que estaria errado – algum defeito ou incompatibilidade na geração do corpo artificial? O homem estaria ficando insano ao assumir a nova forma? E assim, um dos personagens do livro resolve arriscar mais uma conversão. Segue sua vida em Júpiter, porém, misteriosamente retorna alguns anos depois, contando toda a experiência que passou (continua no próximo subtópico).

REFLEXÃO

Ler um livro de 1952 e ser deparado com uma narração como essa é surpreendente, para não dizer chocante. Quantas pessoas devem ter rotulado Clifford D. Simak como um maluco de primeira? Mas hoje, ante o sucesso de filmes como Avatar, seria essa ficção um pouco mais plausível? E, afinal, Avatar não seria assim tão original ao utilizar um conceito já explorado mais de meio século antes?

Fato é que essa proposição engenhosa representa a parte mais empolgante de todo o livro – e dá margem a uma conclusão cuja mera possibilidade parece aterradora e nos faz pensar muito. Veja a seguir.

A deserção para Júpiter e o fim da raça humana

FICÇÃO

Viver um corpo de Loper mostrou-se libertador para a raça humana. Todos sabemos que não utilizamos nem mesmo 10% do nosso cérebro, enquanto um Loper utilizaria toda a capacidade. Sendo assim, novos sentidos afloravam no novo corpo assumido por um ser humano. Muito mais do que olfato ou visão, os sentidos representavam músicas e vibrações de todos os elementos daquele novo mundo de cores intensas e condições atmosféricas agressivas. Telepatia era o meio de comunicação entre a raça, e a possibilidade de usar na plenitude o poder cerebral gerava uma inteligência e capacidade de compreensão sem precedentes. Um poder inebriante, melhor do que qualquer droga e nunca antes vivido por nenhum homem. O mero pensamento de voltar à condição humana seria inaceitável. E por isso ninguém havia voltado para contar a história, até esse dia.

Fowler, o personagem em questão, resolveu voltar à condição terrena alguns anos depois por uma questão de dever moral. E ele resolveu contar para a humanidade o que presenciou. Muito mais do que uma vida intensa, o que Fowler ofereceu à humanidade foi o Paraíso em vida. Como consequência, nos anos que seguiram à revelação, com poucas exceções, a humanidade desertou em massa para Júpiter.

REFLEXÃO

É bem verdade que não usamos nosso cérebro em sua plenitude – a ciência já demonstrou isso. Alguns seres humanos parecem possuir dons especiais, tais como a mediunidade – para aqueles em que acreditam. Um cérebro poderoso e 100% funcional poderia trazer outros sentidos ao homem? Órgãos sensoriais mais evoluídos poderiam nos fazer enxergar mais cores e perceber outras sensações, tais como pressão, vibração, novos sons e outras que sequer poderíamos descrever?

Porém, o mais chocante disso tudo é pensar que o ser humano aceitaria trocar sua condição de humanidade para viver como outra raça. Eu pessoalmente não acredito que, mesmo dada a condição descrita pelo livro, o ser humano seria capaz de rumar em massa para o desconhecido. Porém, esse choque está alinhado com a parcial descrença do autor em uma humanidade capaz de produzir a guerra e diversos outros sofrimentos.

A filosofia marciana explicada

FICÇÃO

Finalmente, a filosofia marciana é compreendida e explicada. Ela provê o indivíduo com a capacidade de perceber o ponto de vista do outro. Ela não vai necessariamente fazer a pessoa concordar com o ponto de vista, mas sim reconhecê-lo e entender como o outro se sente a respeito. Com a nova filosofia, o indivíduo precisa aceitar a validade do conhecimento e das opiniões de outro homem, incluindo o sentimento por trás delas. Enfim, o real significado por trás das palavras. A verdadeira compreensão dessa filosofia teria o poder de mudar a humanidade.

REFLEXÃO

Enquanto no livro a assimilação da ideia pela raça humana ajudou a “destruir” a humanidade como a conhecemos, dispersando o ser humano e contribuindo ainda mais para o efeito “Júpiter”, na prática esse pensamento, de fortes raízes espíritas, pode ser a chave para um verdadeiro respeito entre os homens.

O que importa não é o quão chocante essa mudança filosófica possa, eventualmente, parecer. Ela é apenas um exemplo. O mais interessante é considerar o fato de que poderíamos alterar nossas crenças pessoais e filosofias de milênios de história para um novo entendimento que poderia fazer a raça humana evoluir como nunca antes. Evolução conduzida pela espiritualidade ou pela “humanidade” e não pela tecnologia, como muitos apostariam.

Bastante filosofia para ser analisada – não é algo que esperaríamos extrair de um livro de 200 páginas de ficção científica, escrito há mais de meio século.

CONCLUSÃO FINAL

A primeira conclusão a que cheguei ao analisar todas essas histórias e ideias é que um escritor que viveu no século passado pode ter muito mais a acrescentar à humanidade, em um único livro, do que um diretor de cinema em muitos filmes.

A segunda conclusão é de que não podemos subestimar e tampouco negligenciar o passado, pois ele representa a base do que somos hoje, e ainda pode trazer muitas reflexões importantes. Afinal, onde encontrar esse tipo de pensamento capaz de abrir nossos horizontes, na literatura ou nas artes contemporâneas?

A conclusão final é que muito do que vivemos está baseado em nossas profundas crenças, costumes e forma de pensar. É impossível se libertar de todas as amarras, mas qualquer esforço nesse sentido é válido. Afinal, o homem não descobriu nem vai descobrir as respostas para todos os questionamentos.

Originalmente publicado em 08.04.2012 no site <http://www.antonioborba.com/clifford-d-simak-city/>, endereço eletrônico no qual, além do texto completo, podem ser vistas todas as ilustrações colacionadas pelo autor e lidos os comentários feitos por seus leitores.



Engenheiros Cósmicos

Clifford Simak

(Volume 105 da Coleção Argonauta)

UM DEPOIMENTO PESSOAL

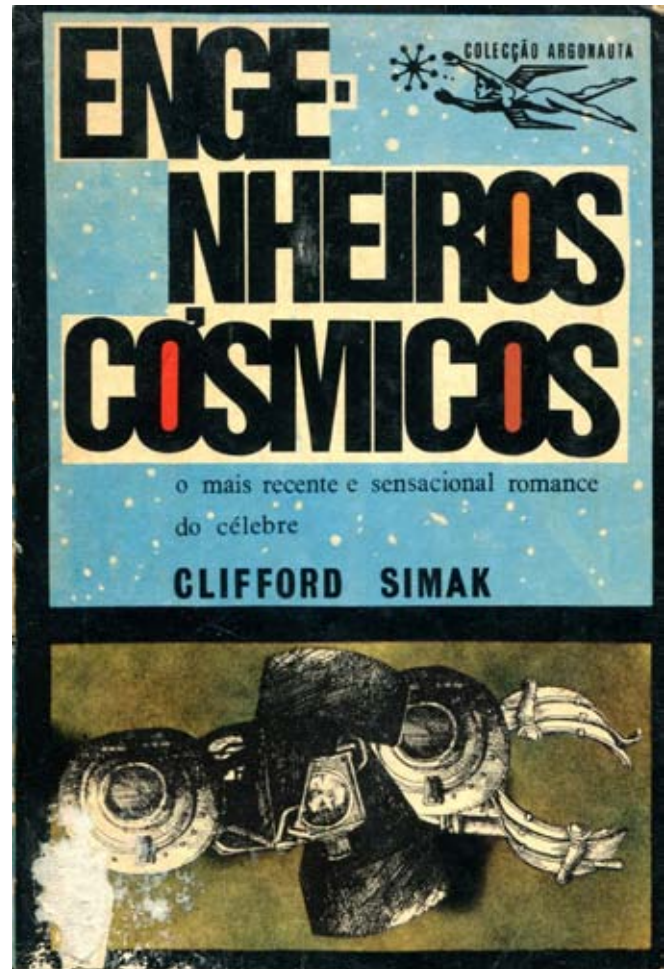
por Sid Castro

A ficção científica me foi dada a conhecer, a princípio, quase que somente através dos quadrinhos, filmes e séries de TV. A literatura, da maneira como apresentada pela escola, não me era nada atraente. Pouco depois, no entanto, graças ao providencial alerta de um amigo, descobri que Tarzan e a Viagem ao Centro da Terra eram originais literários, e tinha toda uma coleção deles na Biblioteca Pública da minha cidade. Penetrei em um novo mundo, mesmo assim, não conhecendo muita coisa além de Verne, Burroughs e Wells. E a bibliotecária matrona de então achava que eu era muito criança para ler 'coisas pesadas' como 1984 e Admirável Mundo Novo. Sem muito dinheiro no bolso para frequentar livrarias, não tinha muita opção nesses tempos pré-internet.

Mas foi justamente na biblioteca da minha escola que se deu a revelação de que a ficção científica estava muito além, no futuro e no espaço. Um ex-aluno e alma caridosa doou para a minha escola toda sua fantástica coleção de livros de ficção científica, indiscriminadamente misturada a outros de pseudociência, deuses astronautas, poderes da mente e afins. A despeito da barafunda, fui lendo tudo que me era novo e estranho, até que me deparei com certo livrinho português de bolso, em meus tenros 13 anos.

Era o volume 105 da Coleção Argonauta, da qual jamais ouvira falar.

Engenheiros Cósmicos, de Clifford D. Simak, era tudo o que eu queria, procurava e não encontrava em livros, mas sabia que devia existir: uma obra



onde predominava absoluto o senso do maravilhoso, através de espaçonaves, batalhas intergalácticas e monstros de olhos esbugalhados que só se viam nos quadrinhos, cinema e televisão.

A ação começava a bordo de uma espaçonave com dois jornalistas, enviados para uma série de reportagens pelo Sistema Solar para um jornal com o engraçado nome, achava eu, de 'Foguetão da Tarde', ou algo parecido, na tradução lusitana. O objetivo principal era chegar a Plutão, então um digno planeta, onde um arrojado piloto pretendia partir

rumo à primeira viagem para fora do Sistema Solar, o que por algum motivo que não me lembro, não era bem visto pelas autoridades da Terra, que estavam dispostas a impedi-lo.

Mas antes disso, no meio do caminho dos jornalistas havia uma nave perdida. Eles a encontraram abandonada no espaço, com uma cápsula onde jazia uma bela 'rapariga', em estado de animação suspensa há séculos, desde alguma antiga guerra solar. Detalhe: a garota ficou paralisada por séculos, mas sua mente não. Para não enlouquecer, passou a estudar e desvendar complexas teorias científicas, mantendo a mente sempre ocupada. Com o passar do tempo, sua mente tornou-se poderosa a ponto de se expandir além do corpo paralisado, atraindo a nave dos jornalistas que passava por perto e de detectar conversas entre inteligências de distantes Universos, que buscavam outras formas de vida com um objetivo prático: unir forças para deter um iminente choque de Universos! Nada demais.

Os Engenheiros Cósmicos do título eram uma raça de seres metálicos bonzinhos determinados a impedir que a catástrofe cósmica acontecesse. Mas precisavam da ajuda de outros seres pensantes para tanto.

A concepção de vida na realidade imaginada por Simak era bem pessimista. Segundo o livro, a vida era algo tão raro, mas tão raro, que não passava de um tipo de 'vírus' casual que sequer deveria existir no corpo dos Universos em expansão. E os Universos eram tão distantes uns dos outros, que somente uma vez na existência aconteceria de dois deles se chocarem. Por acaso, logo o nosso e algum outro.

Acontece que outra rara raça de seres maldosamente inteligentes, reptilianos, mas paradoxalmente chamados de 'Cães do Inferno' pelos Engenheiros Cósmicos, tinha seus próprios planos para o choque dos Universos. Queriam aproveitar o ensejo para reconstruir os Universos colapsados a seu favor.

Uma vez em Plutão, a rapariga passou a construir uma máquina capaz de abrir passagem entre os Universos; o que é feito usando-se a moderna espaçonave do intrépido piloto espacial, indo muito além de Alfa do Centauro, como pretendia. Seguem juntos os dois jornalistas e a inteligente garota, antes que as naves militares da Terra pudessem impedi-los.

E assim, tínhamos mais uma fascinante jornada de aventuras pela frente, através de vários mundos e civilizações, em que os terrestres, orientados pelos Engenheiros Cósmicos, tentavam salvar os Universos antes do choque, enquanto eram caçados pelos 'Cães do Inferno'.

Engenheiros Cósmicos foi meu primeiro Space Opera literário. O livro teve um impacto fulminante sobre mim, que a partir de então, além dos quadrinhos, passei também a me tornar aspirante a escritor de ficção científica.

Anos depois, muitas HQs e contos publicados, passei numa seleção de contos da editora Draco com uma noveleta que será publicada no terceiro volume da coleção Space Opera, organizada por Hugo Vera e Larissa Caruso.

O título? Os Argonautas. Nada é por acaso, Simak...

Depois da Derrocada

Philip E. High

(Volume 193 da Coleção Argonauta)

A DISTOPIA DE PHILIP E. HIGH

por Miguel Carqueija

“Depois da derrocada” ou, no original em inglês, “These savage futurians”, de Philip E. High, é o volume 193 da Coleção Argonauta, de Portugal (Editora Livros do Brasil), a mais célebre série de ficção científica em língua portuguesa. Com tradução de Eurico Fonseca e capa de Lima de Freitas, esta edição de bolso é de 1973.

High imagina um mundo estranhamente distópico, arruinado por uma estranha compulsão, a do descartável. O autor parece ter querido satirizar um dos costumes modernos, o dos objetos descartáveis, aqui levado à exacerbação.

“Muito bem, aí está um produto de vida limitada. Uma camisa que se veste uma vez e se deita fora. Se se usa durante mais de oito horas, faz-se em tiras, no nosso corpo.”

Por inverossímil que isto possa parecer, a novela apresenta tais produtos como uma solução para o custo de vida. Os tais objetos de duração limitada eram produzidos a custo baixíssimo, o que acabava com a carestia. Assim Stein prossegue sua explicação:

“Como disse, era possível comprar seis camisas por um dinheiro. Um automóvel, concebido para durar exatamente três meses, custava vinte libras. Havia “casas de cinco anos”, “apartamentos de dez anos” e “máquinas de lavar de seis meses”. Até a comida enlatada era vendida em recipientes de vida limitada, que duravam apenas algumas semanas, de modo que os clientes a comessem depressa e fizessem novas compras, sem perda de tempo.”

Quando este sistema esdrúxulo entra em colapso, o mundo entra em colapso também. É a “derrocada” do título em português.

O personagem Robert Ventnor não entusiasma muito, metendo-se no início numa briga de disputa por mulher, porém adiante eventualmente revelando-se um superdotado para fabricar aparelhos. A trama em si é meio confusa e se concentra na luta pelo poder após a queda da civilização.

É patética a história de Smith, homem do período final da civilização industrial. Quando a reposição começa a falhar, ele se desespera porque o seu carro só tem mais dez dias de vida útil, a casa mais seis meses... e quando, sem poder comprar comida, ele consegue cozinhar uma repugnante sopa de material sintético, forma-se uma multidão agressiva diante de sua porta, achando tratar-se de um “açambarcador”.

Podemos, com certeza, ler com interesse esta novela, se pudermos descontar a inverossimilhança do argumento.

